



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O Livro dos Mártires e seus prefácios

Rebeca Mylena Gouveia de Lima

Brasília, 2018

Rebeca Mylena Gouveia de Lima

O Livro dos Mártires e seus prefácios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. André de Melo Araújo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo

Prof. Dr. Marcelo Balaban

Prof. Dr. Luiz César de Sá Júnior

Brasília, 2018

Resumo: O Livro dos Mártires, nome popularizado do título *Acts and Monuments*, do martirologista inglês John Foxe, consagrou-se como obra símbolo do protestantismo inglês do século XVI. Publicado primeiramente em 1563, o Livro passou por diversas edições, as quais serão aqui analisadas a partir de suas transformações paratextuais, observadas especificamente em alguns de seus prefácios. Dispondo de versões digitalizadas das 9 edições do Livro, disponíveis na plataforma Early English Books Online (EEBO), a pesquisa partiu de uma análise comparativa entre os prefácios do Livro, a fim de que se pudesse compreender suas relações com as alterações efetuadas ao longo das publicações e com o conjunto de práticas que envolvem sua impressão, edição, distribuição e recepção. Assim, procurou-se compreender de que modo os prefácios podem ser relacionados à importância histórica do Livro dos Mártires, para o desenvolvimento das formas de consciência protestante que marcaram a Inglaterra moderna nos séculos XVI e XVII.

Palavras-chave: Livro dos Mártires, Cultura Impressa, Inglaterra moderna, Paratexto. Prefácios.

Abstract: The Book of Martyrs, popular name of the title *Acts and Monuments*, of the English martyrologist John Foxe, was consecrated as a work symbol of the English Protestantism of the sixteenth century. First published in 1563, the Book went through several editions, which will be analyzed here from its paratextual transformations, specifically observed in some of its prefaces. With scanned versions of the 9 editions of the Book, available on the Early English Books Online (EEBO) platform, the research started with a comparative analysis of the prefaces of the Book, in order to understand its relations with the changes made during the publications and with the set of practices that involve its printing, editing, distribution and reception. Thus, it was sought to understand how prefaces may be related to the historical importance of the Book of Martyrs, for the development of forms of Protestant consciousness that marked modern England in the sixteenth and seventeenth centuries.

Keywords: Book of Martyrs, Print Culture, Early Modern England, Paratext, Prefaces.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Os prefácios e os demais elementos paratextuais	7
1. CAPÍTULO 1	13
2. CAPÍTULO 2	18
2.1. O imperativo escriturístico.....	18
2.2. Escritura como regra, impressão como dádiva	20
3. CAPÍTULO 3	26
3.1. Um prefácio teológico.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
FONTES PRIMÁRIAS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

AGRADECIMENTOS

Creio que o primeiro destinatário de meus agradecimentos deva ser o João, com quem tenho a alegria de compartilhar meu presente e, em breve, também o futuro. Obrigada pelo consolo e incentivo por todos esses anos; e por ter acompanhado cada vírgula desta pesquisa, bem como a transformação pessoal que ela me trouxe. Agradeço à minha mãe, Acsa, que tanto se empenhou para que eu tivesse oportunidades de estudar e chegar aonde nunca chegaria se não fosse por ela. Agradeço também à Micaella, minha irmã caçula, que desde a infância me atura com minhas histórias sobre livros e personagens. Ao meu pai, Carlos Magno, que, desde seu nome histórico até seu gosto por filmes de época, sempre me incentivou a expressar meu amor pelo passado. À minha avó, Ana Maria, que tanto me ensina sobre ser uma verdadeira cristã. Agradeço, claro, aos amigos que fiz na graduação e que já fazem parte de mim: ao Victor, à Carol, ao Lucas, ao Gabriel, ao Pedro e ao Igor, que tanto me ajudaram a levar a vida universitária com mais leveza, eternizando momentos e se tornando uma segunda família. Não poderia deixar de agradecer a ajuda e o carinho da Thalyta, que me auxiliou com o exemplo de sua própria pesquisa; e da Camila, companheira de matérias, gostos literários e encontros pela biblioteca que virou meu lar nos últimos dias da pesquisa. Por fim, e certamente não menos importante por isso, agradeço ao melhor professor que já tive. André, muito obrigada por esses anos de orientação, nos quais eu pude aprender muito mais do que pesquisa acadêmica. Graças a você, pude entender, desde minha primeira aula de História Moderna I, que com a história não se deve ter nada menos do que uma relação de amor eterno. Muito obrigada.

1. INTRODUÇÃO

“Um exemplo particularmente claro desse tipo de leitura ocorreu em fins de setembro de 1599, quando a família leu e ouviu passagens retiradas do Livro dos Mártires por dias sucessivos, com a leitura compartilhada entre vários membros da família.”¹ A citação é do historiador Andrew Cambers, em um capítulo dedicado ao estudo das práticas de leitura² devocional de uma inglesa chamada Margaret Hoby. Através de seu diário, mantido por Margaret de 1599 a 1605, Cambers teve acesso não somente aos segredos e confissões de uma típica jovem inglesa do século XVI, mas também ao registro de uma série de práticas de leitura características da Inglaterra moderna, das quais um forte protagonista é o Livro dos Mártires de John Foxe.

Leituras devocionais compartilhadas não eram exclusividade da família de Margaret, muito menos o apego ao Livro dos Mártires de Foxe, versão popularizada do título original *The Acts and Monuments*. Era comum que o livro fosse, já em fins do século XVI, disposto junto à Bíblia em muitos lugares públicos, como “catedrais, igrejas, escolas, livrarias, *guildhalls* e pelo menos uma hospedaria,”³ na expectativa de que fosse visto e/ou lido por pessoas comuns. Tal prática acabou tornando-se um requisito legal, decretado pela Convocação de 1571, a que o Conselho Privado acrescentou o requerimento de que cada igreja matriz fosse abastecida com uma cópia do Livro.⁴

Publicado em inglês pela primeira vez em 1563, o Livro dos Mártires exerceu influência ímpar nas concepções de religiosidade da Inglaterra moderna, bem como em suas práticas relacionadas à impressão, publicação, recepção e consumo de livros religiosos. A proeza e a qualidade do Livro se expressam pela proeminência da vasta coleção de manuscritos, documentos e testemunhos compilados; em sua extensão, sendo sua quarta edição, de 1583 — quatro vezes maior que a Bíblia⁵ —, a obra mais fisicamente imponente e tecnicamente complexa de sua época; na diversidade do paratexto e das imagens xilogravadas, que conferiram à obra de Foxe o status de livro melhor ilustrado de seu tempo.

¹ “A particularly clear instance of such reading occurred in late September 1599, when the family read and listened to passages from the Book of Martyrs for several days in succession, with the reading shared between various members of the family.” CAMBERS, A. Reader’s marks and religious practice. In: KING, J. *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap.10. p.211.

² Cambers se debruça, especificamente, sobre as anotações manuscritas de Margaret nas laterais das páginas de seus livros e diários, que compõem a chamada *marginália*.

³ “cathedrals, churches, schools, libraries, guildhalls and at least one inn.” KING, J. *Foxe’s Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p.1.

⁴ “High-ranking officials encouraged the acquisition of copies of the 1570 version for reading in public places. Chained copies were placed in English cathedrals under order from the Convocation, and the Privy Council called for its acquisition by parish churches.” KING, J. *Foxe’s Book of Martyrs: Selected Narratives*. Oxford University Press, 2009, p.xx.

⁵ Como apontado por John N. King na Introdução de seu livro *Foxe’s Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*, a extensão da chamada “Bíblia do Rei Jaime” (ou Tiago) - publicada em 1611 e, portanto, posterior à edição citada do Livro dos Mártires, de 1583 - era de 900.000 palavras.

Sendo uma obra de martirologia, o Livro dos Mártires contém, em cada uma de suas edições, uma compilação de diferentes documentos, cuja aquisição, a saber, o modo como chegaram às mãos de Foxe, nos revela toda uma rede de contatos e relações entre colaboradores⁶, representantes dos mais variados círculos de impressão e publicação na Inglaterra moderna. O testemunho dos mártires cristãos perseguidos durante o reinado de Maria I (1553-1558)⁷ fazia-se ouvir por meio de tais documentos, muitas vezes fornecidos por quem pessoalmente os conheceu; e tornava o Livro dos Mártires, assim, uma obra cuja leitura seria imprescindível ao “verdadeiro cristão”⁸.

O Livro dos Mártires, desde sua compilação e escrita até sua publicação, esteve inserido em um contexto de turbulências religiosas que definiram os rumos da Reforma na Inglaterra, período durante o qual a impressão acabava por se configurar mais como “veículo de polêmica denominacional do que de piedade, mais notavelmente sob a forma de ataques contra o Papa e o clero católico.”⁹ Assim, é importante observar que a obra de Foxe encontra-se inscrita em um contexto de polêmica e disputa teológicas que se fazem presentes em seu livro.¹⁰ Pode-se dizer, então, que o Livro dos Mártires constituía, sobretudo, um projeto teológico, cujos efeitos Foxe esperava que fossem experimentados tanto por seus companheiros protestantes quanto por seus adversários católicos.

¶ Ora, nem só a raros manuscritos e à sua magnitude tipográfica o Livro dos Mártires devia sua eficácia. Muito se tem estudado acerca do papel desempenhado por suas xilogravuras, que, tem-se notado, eram importantes ferramentas discursivas e persuasivas a serviço dos interesses de Foxe e seus editores.¹¹ Há, porém, um aspecto do Livro dos Mártires a que os olhos dos historiadores não costumam se voltar; trata-se de seu paratexto, o conjunto de elementos que acompanham o texto a fim de apresentá-lo ao leitor, — como prefácios, tabelas, índices, dedicatórias, etc — e que, dada sua

⁶ Quem produz um estudo minucioso sobre tal “rede de colaboradores” presente no processo de compilação do Livro dos Mártires é o historiador e atual professor de Língua Inglesa e Estudos Religiosos na Universidade Estadual de Ohio, John N. King, autor de diversos trabalhos dedicados à obra de Foxe, como o livro utilizado como obra de apoio à presente pesquisa, *Foxe’s Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*.

⁷ Filha mais velha de Henrique VIII, fruto de seu casamento com a rainha espanhola Catarina de Aragão. Católica fervorosa e conservadora, expressou em sua política religiosa o fervor e a devoção que nutria pelo catolicismo, revigorando a legislação inglesa contra heresias, o que causou a morte de centenas de protestantes durante seu reinado.

⁸ Assim Foxe se refere a seus leitores protestantes em muitos dos títulos de seu Livro dos Mártires.

⁹ “In this era of Reformation, however, the print is more often the vehicle of denominational polemic than piety, most notably in the form of attacks on the pope and the Catholic clergy.” JONES, M. *The English Print, c.1550–c.1650*. In: HATTAWAY, M. *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Estados Unidos: Blackwell Publishers, 2003, p.361.

¹⁰ “Not only did it encourage the development in England of a sharply defined Protestant identity, it strongly influenced the nationalistic association between Roman Catholicism and foreign political domination. At the level of popular culture, it generated centuries of emotional anti-Catholicism that was especially strong during the time of the Gunpowder Plot, Civil Wars, and Popish Plot. Its impact upon worldwide anglophone culture endures in scores of poorly edited and inaccurate abridgements and websites. Woodcuts that it contains are among the most famous and often reproduced early modern English pictures.” KING (2009), p. xi.

¹¹ Pode-se citar o livro editado por John King, composto por capítulos dos mais variados autores, *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*, de 2010, e que conta com uma série de estudos cujo eixo comum é a materialidade das obras impressas na Inglaterra tudoriana. É nele que se encontra, por exemplo, um texto de Elizabeth Evenden, historiadora do livro que se dedica ao estudo das xilogravuras de alguns volumes do Livro dos Mártires.

aparente desimportância, acabaram perdendo espaço para as imagens e textos polêmicos que, crê-se, seriam os pontos mais relevantes do livro. A presente pesquisa pretende, assim, compreender de que maneira o paratexto foi importante, ao longo das edições do Livro dos Mártires, para a execução do projeto teológico que Foxe pretendia que ele fosse.

Dessa forma, é fundamental que se compreenda o significado do Livro dos Mártires enquanto empreendimento teológico. O livro conta uma história martirológica, mas não se limita a ela. Mais do que relatar os sofrimentos dos mártires protestantes, acaba por nos introduzir a uma série de debates e polêmicas que em muito caracterizam a atmosfera religiosa do século XVI. A teologia protestante é a todo momento defendida, e tal defesa se faz ver, justamente, por meio do paratexto, mais especificamente dos prefácios, a partir dos quais vê-se tomar forma a influência discursiva de Foxe sobre seus leitores. Os prefácios são os elementos através dos quais, no paratexto de seu livro, Foxe nos conduz a conhecer vários dos receios e expectativas que nutria em relação à sua publicação. Por esses e outros motivos, posteriormente especificados, a presente pesquisa delimitará sua análise dos elementos paratextuais do Livro dos Mártires aos prefácios.

A primeira edição do Livro dos Mártires, publicada em 1563, torna possível, por meio de seus prefácios, observar de que modo o livro captura o otimismo dos anos iniciais do reinado de Elizabeth I; o que não a impede de apontar, entretanto, para o contexto que a antecede, e que corresponde à trajetória de Foxe até aquele ano. Faz-se necessária, então, a consideração de alguns fatos importantes da vida pessoal de Foxe, para que se possa compreender melhor a publicação do livro que fez seu nome tão conhecido.

Nascido em Lincolnshire (1516/17-1587), coincidentemente no mesmo ano em que as 95 teses de Martinho Lutero causavam rebulição no mundo europeu, Foxe acabou por consagrar-se como um grande nome do protestantismo inglês. Em sua infância e juventude, assistiu ao advento da teologia luterana na Inglaterra, às tentativas de William Tyndale de publicar sua tradução do Novo Testamento, ao divórcio do rei Henrique VIII e a toda uma série de controvérsias decorrentes da separação entre a Coroa inglesa e a Igreja romana. Foxe assistiu ao processo de ascensão da supremacia real de Henrique nos assuntos religiosos, à dissolução dos mosteiros e à implementação de novas legislações eclesiásticas que marcariam a política inglesa e sua própria vida pessoal.

A formação acadêmica de Foxe, iniciada durante a turbulenta década de 1530, esteve atrelada a um conjunto de transformações religiosas: desde a emissão do *Act of Succession and Supremacy*, de 1534, que consagrava Henrique VIII como líder supremo da Igreja da Inglaterra; até a publicação das *Royal Injunctions* de 1538, que decretavam a obrigatoriedade de que houvesse “um livro de toda a Bíblia no maior volume, em Inglês por cada igreja matriz, onde cópias anexadas deveriam ser

livremente acessíveis para a leitura ou audiência dos membros.”¹² O autor do Livro dos Mártires, assim, teve sua carreira construída em uma Inglaterra marcada pelo processo de separação entre Coroa e papado, assistindo, durante a conturbada década de 1530, a estrutura eclesiástica sendo cada vez mais colocada a serviço do controle real. Foxe testemunhou os efeitos do divórcio de Henrique VIII e seu casamento com a cortesã Ana Bolena (e sua futura execução decorrente das acusações de incesto e adultério), a dissolução dos mosteiros operada por Thomas Cromwell, o posterior casamento do rei com a jovem Jane Seymour, e o tão esperado nascimento de um herdeiro do sexo masculino, o futuro Eduardo VI, nascido em 1537.¹³

Em tal ambiente de instabilidade política, nos anos em que estudou em Oxford, Foxe assumiu suas inclinações protestantes, passando a compartilhá-las junto a outros reformistas tais quais Alexander Nowell e Robert Crowley.¹⁴ Mas foi no ano de 1545 que o ímpeto reformista de Foxe se fez ver com maior intensidade. Tendo recusado atender ao requerimento do *Magdalen College* de que realizasse o voto celibatário e se tornasse padre, Foxe optou por desligar-se de Oxford. No mesmo ano, casou-se. Além disso, passou a atuar como tutor dos filhos de nobres ingleses, trabalho que o fez ser notado pela duquesa de Richmond, importante patrona de intelectuais protestantes, que acabou por convidá-lo a sua residência em Londres, onde Foxe conheceu outro autor protestante igualmente icônico, John Bale (1495-1563).

Como afirma John King, os anos que compreenderam o reinado de Eduardo VI (1547-1553), “durante os quais os protestantes experimentaram uma liberdade de expressão sem precedentes, conduziram Foxe a empreender a pesquisa histórica que se tornaria o trabalho de sua vida.”¹⁵ Certamente o reinado de Eduardo VI (1547-1553) foi um período de grandes avanços também para a causa protestante. A abolição do *Act of Six Articles*, já em 1548, constituiu um grande passo para protestantes como Foxe, que via a permissão da Missa e da doutrina da transubstanciação, do celibato clerical e da confissão auricular — todos afirmados e mantidos pelo *Act of Six Articles* — como resquícios da idolatria papista que deveriam ser prontamente esquecidos.¹⁶ O abandono da antiga legislação sobre heresias também o deve ter entusiasmado, já que sua oposição à validade da punição

¹² “‘one book of the whole Bible of the largest volume, in English’ by every parish church, were chained copies were to be freely accessible for the ‘reading and hearing’ of the parishioners.” KING (2009), p.15.

¹³ KING (2009), p. xv.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ “The heady years of the reign of Edward VI, during which Protestants enjoyed unprecedented freedom of expression, were conducive to Foxe’s undertaking of historical research that would become his life’s work.” KING (2009), p. xvii.

¹⁶ O *Act of Six Articles* foi promulgado em 1539, ainda durante o reinado de Henrique VIII, e representava as tendências ainda conservadoras do rei inglês, com a manutenção de crenças tipicamente romanistas, a exemplo da confissão auricular, do celibato clerical e da doutrina da transubstanciação. KING (2009), p. xxii.

penal para infrações religiosas o fazia denunciar a injustiça de tal tipo de legislação, como a execução penal por adultério, desde antes da publicação do Livro dos Mártires.¹⁷

As reformas eclesiásticas e teológicas introduzidas durante o reinado de Eduardo desvaneceram juntamente com ele. A morte prematura do jovem rei no ano de 1553 trouxe aos protestantes ingleses um clima de desesperança confirmado pela ascensão da irmã mais velha de Eduardo, a católica fervorosa Maria I. Maria parecia corresponder a todos os medos dos protestantes: além de católica devota, tendo inúmeros motivos para se opor às reformas religiosas encabeçadas nos tempos de seu pai e meio-irmão, era ainda esposa de Felipe de Espanha, um rei estrangeiro e, pior, espanhol.

Como muitos protestantes ingleses durante a ascensão de Maria, Foxe partiu para o continente. O exílio era uma dos meios adotados por muitos deles na tentativa de escapar das consequências legais a que a expressão de sua fé os expunha: portar bíblias em vernáculo ou livros de autores protestantes proibidos, organizar cultos ou reuniões secretas, não frequentar a Missa e demais festas religiosas, eram todas atividades cabíveis de variadas punições, visto que a restauração do Catolicismo ocorreu associada à renovação da antiga legislação contra heresias dos tempos iniciais do reinado de Henrique.

Foxe, então, vai com sua família para terras germânicas. Em Estrasburgo,¹⁸ publica, sob a supervisão do impressor alemão Wendelin Rihel, aquela que viria a ser conhecida como a precursora latina do Livro dos Mártires. Publicado em 1554, no *Commentarii rerum in ecclesia gestarum* Foxe se debruça sobre a vida dos que ele considera serem os precursores da Reforma: John Wycliffe, os Lolardos e Jan Hus. Foxe se muda, depois, para Frankfurt¹⁹, onde, ao lado de John Knox, empenha-se pela extensão das reformas litúrgicas para além das previstas pelo *Book of Common Prayer* de 1552. O último destino de Foxe no exílio foi Basileia, onde ele permaneceu trabalhando na oficina tipográfica de Johannes Oporinus, e de onde tinha acesso a uma série de transcrições manuscritas de interrogatórios e cartas de testemunhos de martírios, cuja maioria era trazida a ele por seu amigo, e também exilado, Edmund Grindal, futuro Arcebispo de Canterbury no reinado de Elizabeth. Boa parte dessas cartas e transcrições viriam a ser o material utilizado na compilação do Livro dos Mártires.

¹⁷ Foi durante o reinado de Eduardo que Foxe teve a oportunidade de completar e publicar dois tratados que revelavam sua discordância acerca da legitimidade da pena capital: *De non plectendis morte adulteri consultatio* (1548), em que ele se opõe à execução por adultério; e *De censura sive excommunicatione ecclesiastica* (1551), em que ele demonstra ser a excomunhão uma medida mais justa do que a execução, para infrações religiosas e sociais.

¹⁸ Estrasburgo era um dos principais destinos dos refugiados europeus durante o século XVI. Além disso, destacava-se a pujança de seu mercado de impressões, que por décadas alimentou toda a Europa com livros impressos protestantes.

¹⁹ Às controvérsias ocorridas em Frankfurt, quanto ao uso do *Book of Common Prayer*, Karl Gunther dedica um capítulo inteiro de seu livro *Reformation Unbound: Protestant Visions of Reform in England [1525-1590]*, onde ele aponta para uma abordagem mais revisionista e interessada em analisar as peculiaridades do contexto em que se deram tais controvérsias.

Seu retorno à Inglaterra e a subsequente publicação da primeira edição do Livro, fruto de uma parceria duradoura entre ele e John Day, impressor de Aldersgate, em 1563, transformaram o já conhecido Foxe em um autor difícil de ser ignorado, tanto por protestantes quanto por católicos. Seu evidente otimismo quanto às esperanças suscitadas pela ascensão de Elizabeth — associada ao fim das perseguições e à expectativa de que a Reforma pudesse, enfim, se completar em solo inglês —, encontraria eco em uma multidão de protestantes ávidos por mudanças. E, da mesma forma, sua narrativa ousada e seu tom ácido e provocativo, empregado numa tentativa de apresentar a Igreja romana como inimiga histórica dos verdadeiros cristãos, decerto não ficariam impunes às críticas e aos ataques católicos.

Tais críticas e ataques podem ser privilegiadamente apreciados por meio dos prefácios do Livro. Era a partir deles que a polêmica com seus adversários católicos tinha início e se dava com mais entusiasmo. Além disso, neles se expõe uma série de dinâmicas e relações que influenciaram Foxe em sua publicação. Não só os documentos e cartas de que ele dispõe para contar sua história dos mártires, mas também os prefácios que escreve no intuito de apresentar o conteúdo principal de seu livro, são riquíssimos registros de suas convicções e expectativas em relação ao que escrevia. Prefácios, embora comumente considerados como acessórios, podem ser revisitados de modo que se observe sua função discursiva em relação ao texto que introduzem. Como afirma Gerard Genette, prefácio equivale a todo “tipo de texto introdutório [...], autoral ou alográfico, que consista em um discurso acerca do tema do texto que a ele se segue ou o precede.”²⁰ Ter em conta os prefácios do Livro dos Mártires, portanto, é tomá-lo numa nova perspectiva, considerando não apenas o texto principal, mas a importância de seu paratexto.

Ora, um texto é raramente apresentado separadamente de uma série de “produções verbais”, como o nome do autor, título da obra, ilustrações e, especialmente, prefácios:

“E mesmo que nem sempre saibamos até que ponto tais produções devam ser consideradas como pertencentes ao texto, de alguma forma elas o circundam e o estendem, precisamente a fim de *apresentá-lo*, no sentido usual desse verbo mas também em seu sentido mais marcante: *torná-lo presente*, para garantir a presença do texto no mundo, sua ‘recepção’ e consumo na forma de um livro.”²¹ GENETTE (1997), p.1.

Pode-se afirmar que os prefácios de Foxe, então, cumprem um papel que excede em muito a função de meramente acompanhar o texto principal. Eles são, por se dizer, parte do texto, e

²⁰ “I will use the word preface to designate every type of introductory [...] text, authorial ou allographic, consisting on the subject of the text that follows or precedes it.” GENETTE, G. *Paratexts: Thresholds of Interepretation*. Cambridge: 1997, p. 161.

²¹ “And although we do not always know whether these productions are to be regarded as belonging to the text, in any case they surround it and extend it, precisely in order to present it, in the usual sense of this verb but also in the strongest sense: to make present, to ensure the text’s presence in the world, its ‘reception’ and consumption in the form (nowadays, at least) of a book.” GENETTE (1997), p.1.

desempenham objetivos específicos que os caracterizam como fundamentais para o pleno cumprimento das expectativas de quem o produziu. Os prefácios são o espaço utilizado por Foxe para demonstrar a relevância e a emergência de seu Livro, para apresentar os motivos e justificativas para que ele fosse sequer lido e apreciado. O interesse do leitor na história de Foxe parecia depender consideravelmente de sua capacidade persuasiva de tornar o Livro dos Mártires uma leitura indispensável.

Após 1563, o Livro dos Mártires foi publicado em mais 8 edições. Do século XVI ao XVII, a obra de Foxe passou por uma série de transformações, acréscimos, correções e adaptações, que se expressam no conjunto de modificações editoriais que caracterizaram cada uma das edições publicadas em 1563, 1570, 1576, 1583, 1596, 1610, 1632, 1641 e 1684. No decorrer de tais edições, os prefácios também acompanhavam tais modificações, sendo adaptados, acrescentados ou retirados. A presente pesquisa tem por objetivo, portanto, analisar tais prefácios e suas respectivas alterações ao longo das edições publicadas, de modo que se compreenda as dinâmicas de autoria, impressão e recepção da obra de Foxe ao longo de suas publicações. Na certeza de que “cada livro conta uma história bem diferente da que é contada por seu texto”,²² espera-se que uma análise dos prefácios de cada edição possa acrescentar ao estudo do Livro dos Mártires a consideração da importância de seu paratexto, mais especificamente através do papel fundamental exercido por seus prefácios.

A partir das edições disponibilizadas em formato digital pela plataforma Early English Books Online (EEBO), foram consideradas as 9 edições do Livro. A análise dos prefácios pretende, portanto, ser não apenas uma exegese do conteúdo neles presente, mas também expor de que forma as transformações e adaptações a que alguns deles foram submetidos foi fundamental para que cada edição refletisse seu “momento histórico tanto como uma construção ideológica quanto como um artefato da prensa manual.”²³

1.1. Os prefácios e os demais elementos paratextuais

A importância dos prefácios do Livro dos Mártires não pode ser compreendida sem que se considere o conjunto maior de elementos paratextuais do qual fazem parte. Pode-se dizer que paratexto seja, como bem afirma Genette, um limiar²⁴ através do qual o livro é visto, consumido e adentrado. É pelo paratexto, conjunto de produções verbais e não verbais que acompanham e introduzem o texto principal, que um livro pode ser apresentado como tal a seus leitores; é por meio

²² “every book tells a story quite apart from that recounted by its text.” KING (2006), p.14.

²³ “Exemplifying textual instability and multiple authorship, each edition reflects its historical moment both as an ideological construction and as an artifact of the hand-operated press.” KING (2006), p.1.

²⁴ Genette caracteriza o paratexto como um limiar: “threshold”.

de dedicatórias, tabelas, índices, margens, e, finalmente, prefácios, que um livro se faz familiar e inicialmente compreensível ao leitor. Trata-se de uma zona indefinida entre interior e exterior, “entre texto e não-texto, uma zona não só de transição, mas também de transação: um lugar privilegiado de pragmatismo e estratégia, de influência sobre o público.”²⁵

Os elementos paratextuais do Livro dos Mártires, dentre os quais se encontram prefácios, dedicatórias, tabelas, ilustrações, etc, exercem conjuntamente o importante e estratégico papel de apresentar o Livro ao leitor. A história dos mártires, que Foxe se dedicava a contar, exigia muitas considerações prévias, informações, avisos, materiais de consulta e conteúdos sem os quais a leitura não seria completa. Fazer que o livro fosse lido, e lido corretamente, era tão essencial a Foxe quanto publicá-lo. São comuns, portanto, as referências que ele faz aos diversos documentos oficiais, manuscritos e cartas, escritas pelos mártires à beira da morte,²⁶ de que dispunha em seu livro, para que o leitor pudesse encará-los e constatar, por si mesmo, a credibilidade de suas afirmações.

Não apenas os documentos e cartas dispostos por Foxe exprimiam tal credibilidade, mas também seu paratexto autoral.²⁷ Sem os prefácios, cronologias, tabelas, índices e ilustrações, suas palavras não teriam o mesmo impacto, e o leitor não compreenderia plenamente a veracidade e irrefutabilidade do livro que tinha diante de si. Isso porque muitos desses elementos contêm uma série de advertências, conselhos, avisos, ponderações, correções e adições sem os quais a compreensão do livro seria comprometida. O paratexto autoral, portanto, é o espaço disponível a Foxe para que exerça sua influência, direcionando a atenção de quem lê, esclarecendo as particularidades de sua obra e apresentando ao leitor as pedras no caminho; “uma influência que — bem ou mal entendida e alcançada — está ao serviço de uma melhor recepção do texto e uma leitura mais pertinente do mesmo (mais pertinente, é claro, aos olhos do autor e seus aliados).”²⁸

Dada a importância dos elementos paratextuais no Livro dos Mártires, cabe também considerar a relevância de sua cronologia editorial. Cada elemento foi adicionado ou retirado do Livro em uma determinada edição, não podendo ser analisado separadamente dela. E, portanto, é essencial que se considere o elemento, seja ele tabela, prefácio, ilustração, etc, enquanto inserido em um contexto maior de publicação e recepção, a fim de que seja observada sua relação com a edição na qual se

²⁵ “a zone not only of transition but also of transaction: a privileged place of a pragmatics and a strategy, of an influence on the public.” GENETTE (1997), p. 2.

²⁶ Tais documentos, em sua maioria, foram adquiridos por Foxe graças a seu amigo e Arcebispo de Canterbury no reinado de Elizabeth, Edmund Grindal. “Foxe was the recipient of manuscript transcriptions of interrogations and dying testimonials of the martyrs, many of which were passed on to him by his fellow exile, Edmund Grindal, later Archbishop of Canterbury under Elizabeth I.” KING (2009), p. xviii.

²⁷ Chamo de paratexto autoral o conjunto dos elementos paratextuais de autoria de Foxe, o que não significa que os documentos e cartas mencionados não se enquadrem também como elementos paratextuais, embora não tendo sido escritos por ele.

²⁸ “an influence that - whether well or poorly understood and achieved - is at the service of a better reception for the text and a more pertinent reading of it (more pertinent, of course, in the eyes of the author and his allies)” GENETTE (1997), p.2.

encontra. Dessa forma, foram analisados os elementos paratextuais do Livro dos Mártires quanto a sua presença ou ausência nas respectivas edições, de modo que se observasse a cronologia editorial existente entre eles.

A análise das transformações dos elementos paratextuais se deu, primeiramente, pela confecção de uma tabela, através da qual pode-se observar visualmente a relação entre os elementos. E, partindo das edições digitalizadas disponíveis na plataforma Early English Books Online (EEBO), foi possível reunir as 9 edições citadas do Livro dos Mártires.

A tabela em anexo foi desenvolvida a partir da coleta de um total de 32 elementos que compõem as 9 edições, sendo nelas acrescentados e/ou retirados. Os títulos dos elementos estão dispostos na coluna vertical, enquanto as 9 edições encontram-se na coluna horizontal, indicadas por suas respectivas datas de publicação. A tabela foi elaborada tendo em vista a presença ou ausência dos listados elementos. O que se analisa é, então, a presença – sinalizada pela opção “SIM” – ou a ausência – representada pela opção “NÃO” – de cada um dos 32 elementos em cada uma das 9 edições.²⁹

Os 31 elementos foram organizados em cinco subgrupos:

1. Prefácios (cor rosa): Foram considerados como prefácios aqueles elementos através dos quais Foxe opera uma introdução ou apresentação do Livro dos Mártires a seus leitores, sejam eles a Rainha Elizabeth, seus inimigos papistas ou seus leitores protestantes. Exemplos: *Preface to the Persecutors; Protestation to the Church; Preface to the Queen; Utility of this Story; To the Reader; Four Questions for Papists; Four Considerations to Protestants; In martyr logium; Contra papistas 9ncendiários; In idem argumentum;*

2. Tabelas (cor amarela): Correspondem aos elementos cuja informação encontra-se disposta em forma de tabelas ou quadros delimitados. Exemplos: *Kalender; Almanacke; Names of the Authors; Names of the Martyrs; Table of Numbers; Table of X first persecutions; Index or Table; Table of tables;*

3. Correções (cor roxa): Foram assim classificados os textos em que Foxe se dedica a fazer correções, adições, instruções ou avisos específicos ao leitor quanto ao conteúdo do Livro. Exemplos: *Correction of certain faults; Certain cautions of the author; Certain places of the Scriptures expounded;*

²⁹ Faz-se necessária a observação de que problemas relativos à disponibilidade de algumas edições em sua forma integral impossibilitaram um levantamento mais completo de todos os dados. É o caso das edições referentes ao século XVII - de 1610 a 1684 -, em que algumas partes estavam indisponíveis no site de busca utilizado, a plataforma digital Early English Books Online. Os elementos que supostamente estariam localizados em tais partes indisponíveis são representados, portanto, com a opção “TALVEZ”.

4. Biográficos (cor azul): São aqueles elementos associados a aspectos da vida pessoal de Foxe. Exemplos: *Chronologie; The life of Mr Fox to the reader; In Jo Foxum Theologum Celeberrimum; Johannis Foxxi vita;*

5. Ilustrativos (cor verde): Correspondem a esse grupo os elementos cuja informação se dá sob a forma de ilustrações e dispositivos tipográficos. Exemplos: *Retrato; Colofon; Folha de rosto; Frontispício.*

Dentre todos os elementos listados, a presente pesquisa restringir-se-á a um grupo específico destes: os prefácios. Tal escolha se deu pela opção de analisar a função discursiva dos elementos paratextuais, da qual os prefácios se apresentam como representantes através dos quais se podem observar as especificidades discursivas da linguagem escrita dos textos de Foxe. Os prefácios são elementos diferenciados no Livro dos Mártires. A fim de apresentar o livro ao leitor, a ele se dirigem diretamente, de modo que sua atenção seja conquistada pela persuasão do discurso. É nos prefácios que a influência de Foxe sobre seu leitor se especializa, se torna discurso, texto. São os textos graças aos quais o projeto teológico que ele pretendia fazer de seu livro pode ser apresentado e introduzido.

Os prefácios, portanto, são o espaço da influência discursiva e textual que Foxe exerce sobre seus leitores. Como afirma Paul Ricoeur, “o texto é a mediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos,”³⁰ e tal assertiva “prolonga esse caráter fundamental de todo discurso de ser dirigido a alguém.” Assim, segundo ele, na escrita textual, diferentemente do diálogo falado, “esse *vis-à-vis* não é dado na situação de discurso [...] ele é criado, instaurado, instituído pela própria obra,” que “se dá a seus leitores e cria, assim, para si, seu próprio *vis-à-vis* subjetivo.”³¹ Isso significa, então, que a autonomia do texto muitas vezes suplanta a intencionalidade autoral, de modo que pode-se dizer que o texto, ou o que se compreende dele, nem sempre coincide com o que o autor quis dizer. A escrita, portanto, “de forma alguma se reduz à fixação material do discurso: esta é a condição de um fenômeno muito mais fundamental, o da autonomia do texto.”³²

Graças à especificidade discursiva da linguagem escrita que a partir deles se observa, os prefácios nos permitem a compreensão do paratexto do Livro dos Mártires quanto àquilo que ultrapassa o horizonte intencional³³ limitado de Foxe, em direção ao “mundo do texto,” que escapa

³⁰ RICOEUR, P. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977, p. 57.

³¹ Idem.

³² RICOEUR (1977), p.135.

³³ Ao tratar sobre a autonomia textual adquirida pelo texto enquanto apresentado sob a forma escrita, Ricoeur se dedica a considerar as ideias do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, grande nome da hermenêutica filosófica, afirmando: “Essa primeira modalidade de autonomia encoraja-nos a reconhecer na *Verfremdung* uma significação positiva que não se reduz à nuance de degradação que Gadamer pretende atribuir-lhe. Em contrapartida, nessa autonomia do texto já está contida a possibilidade de aquilo que Gadamer chama de a ‘coisa’ do texto ser subtraída ao horizonte intencional finido de seu autor. Em outras palavras, graças à escrita, o ‘mundo’ do *texto* pode fazer explodir o mundo do *autor*.” RICOEUR (1977), p.53.

às expectativas do autor e estende o alcance do conteúdo do livro. Tal consideração se faz relevante à pesquisa em questão pois, justamente, o que aqui se pretende analisar são as relações existentes entre prefácios e edições, entre texto e cronologia editorial, de modo que se compreendam não só as expectativas de Foxe enquanto autor, mas também aquilo que lhe escapou ao controle, as modificações que se lhe impuseram como necessárias ao longo das edições, aquilo a partir do que o mundo do texto pode suplantar o mundo do autor.³⁴

Dadas as observações relativas à justificativa da escolha de prefácios, pode-se seguir para a consideração dos prefácios específicos do Livro dos Mártires. Ora, há diversos tipos de prefácios, e que nem sempre desempenham o mesmo papel em um livro. Com base nessas duas afirmações, Genette alega que “cada prefácio preenche várias funções sucessiva ou simultaneamente,”³⁵ de modo que “a funcionalidade de um prefácio é comumente uma questão de interpretação.”³⁶ É longa sua lista³⁷ de tipos de prefácios, mas aqui nos voltaremos ao principal dentre eles, “o prefácio por excelência”, e cuja tipologia é predominante no Livro dos Mártires, o prefácio autoral original. Sendo autoral (com o próprio autor a se dirigir aos leitores) e original (presente desde a primeira publicação de um livro), o tipo de prefácio caracterizado por Genette é aquele cuja função é garantir que o livro seja lido da maneira correta e esperada.

Na tabela, vê-se que os únicos prefácios presentes desde a primeira edição são *Preface to the Queen*, *Preface to the Persecutors* e *Utility of this Story*. Tal informação faz-se preciosíssima para os rumos da pesquisa, já que indica que a maioria dos prefácios analisados foram inseridos posteriormente, ao longo das edições. E essa diversidade cronológica, relativa à inserção de cada prefácio em cada edição, pode contribuir para a compreensão do que aqui se propõe, principalmente, como uma análise das alterações editoriais operadas no Livro dos Mártires através de seus prefácios.

A partir das considerações a respeito das características dos prefácios, pode-se selecionar um dos prefácios de Foxe que se constitui como representativo das propriedades comuns que eles compartilham. Presente em todas as edições, o *Utility of this Story* se trata de um prefácio cujo texto é dedicado aos leitores e que os orienta a como ler o livro de modo que se aproveitem todas as vantagens que ele possa apresentar. No Capítulo 1, portanto, o *Utility of this Story* será analisado de maneira que se observe o modo como Foxe se dirige a seus leitores, a fim de exibir os motivos pelos

³⁴ Ricoeur caracteriza tal autonomia como sendo tríplice: “com referência à intenção do autor, à situação cultural e a todos os condicionamentos sociológicos da produção do texto; e, enfim, ao destinatário primitivo. O que significa que o texto não coincide mais com o que o autor queria dizer. Significação verbal e significação mental possuem destinos diferentes. Essa primeira modalidade de autonomia já implica a possibilidade de a ‘coisa do texto’ escapar ao horizonte intencional limitado de seu autor, e de o mundo do texto fazer desmoronar o mundo de seu autor.” RICOEUR (1977), p. 135.

³⁵ “Most often, each preface fulfills several functions successively or simultaneously.” GENETTE (1997), p. 197.

³⁶ “[...] the functioning of a preface is often a matter of interpretation.” Idem.

³⁷ Além do prefácio autoral original, Genette lista outros tipos de prefácio, dentre os quais o prefácio original posterior, o prefácio ficcional, o prefácio alográfico autêntico, etc.

quais o Livro dos Mártires não poderia deixar de ser lido e estimado; sintetizando em si, dessa forma, as principais características comuns aos demais prefácios.

Além do *Utility of this Story*, serão analisados outros dois prefácios, cuja relação pode em muito favorecer a compreensão das dinâmicas existentes entre prefácios e cronologia editorial: o *Preface to the Persecutors* e o *Four Questions to the Papists*. Apresentado na primeira edição do Livro dos Mártires, publicada em 1563, o *Preface to the Persecutors* trata-se de um texto dedicado àqueles que Foxe denomina “Perseguidores da verdade de Deus, comumente chamados Papistas.”³⁸ Estando certo de que eram incompatíveis o sistema romanista e as Escrituras, que falavam contra os papistas, Foxe se dirige a seus adversários católicos de modo a evidenciar seus erros teológicos, expressos na crueldade com que perseguiram os protestantes e perverteram a pureza do verdadeiro evangelho. O *Preface to the Persecutors* permanece apenas na primeira edição, de 1563, tendo sido retirado do Livro a partir da segunda edição, de 1570, na qual é inserido pela primeira vez o *Four Questions to the Papists*. Esse é um prefácio no qual Foxe propõe 4 questões a seus adversários, que sintetizam um conjunto de temas fundamentais do próprio Livro dos Mártires, como o conceito de Igreja sustentado por Foxe, sua defesa da santidade dos mártires, seus posicionamentos escatológicos, entre outros.

O *Preface to the Persecutors* e o *Four Questions to the Papists*, por sua vez, lançam luz a um dos aspectos mais fundamentais da escrita de Foxe: sua relação com seus opositores. No primeiro, Foxe se empenha em uma tentativa de exortação aos adversários católicos, para que se arrependam dos crimes cometidos e encontrem perdão. No segundo, a atitude de Foxe passa a ser consideravelmente mais combativa. Ele propõe 4 questões aos papistas, desafiando-os em suas bases teológicas e em sua atuação histórica como perseguidores dos mártires, de modo que ficasse evidente que suas ações nada tinham de divinas. O *Preface to the Persecutors* só aparece na primeira edição, de 1563, enquanto o *Four Questions to the Papists* é acrescentado somente na segunda, de 1570. E à luz dessa relação, ambos serão analisados, respectivamente, nos Capítulos 2 e 3.

³⁸ Assim Foxe se dirige, no título do prefácio, a seus interlocutores católicos.

1. CAPÍTULO 1

“THE UTILITY OF THIS STORY”

Eram vários os tipos de publicação religiosa que alimentavam o mercado de impressões da Inglaterra. À Bíblia Sagrada, principal título impresso por séculos consecutivos, seguiam-se auxiliares de estudo bíblico, como comentários, concordâncias, anotações, entre outros. Saltérios, liturgias e preparatórios para a Ceia do Senhor compunham obras de natureza funcional, destinadas ao uso em cultos e reuniões. Sermões, manuais e tratados sobre fé cumpriam o fim de edificação devocional, comumente associada a formas de leitura silenciosa ou privada. Edificação e entretenimento, por sua vez, eram encontrados em contos, poemas, biografias, diálogos e obras polêmicas.³⁹

Em meio a tão diversos tipos de publicação, o Livro dos Mártires surge como uma obra de valor à parte. Tendo sido “o livro inglês mais fisicamente imponente, complicado e tecnicamente desafiador do século XVI,”⁴⁰ o *Acts and Monuments* se apresentava como uma publicação de valor inédito e que, especialmente em sua primeira edição, publicada em 1563, parecia captar o otimismo prevalente nos primeiros anos do reinado de Elizabeth I. A expectativa protestante, pela continuidade e completude da Reforma na Inglaterra e pelo fim das perseguições religiosas, se associava à publicação de um volume grandioso sobre a honra dos mártires que deram a vida pela causa da verdadeira fé. E de que maneira Foxe se encarregava de apresentar seu tão imponente e inédito Livro dos Mártires aos leitores? É a essa pergunta que a análise dos prefácios pretende responder. Começamos, então, pelo prefácio que pretende introduzir ao leitor as vantagens da leitura do Livro.

Constatando a grande quantidade de livros impressos disponíveis na Inglaterra, Foxe inicia seu prefácio compartilhando com o leitor seus próprios receios a respeito de sua publicação:

“Vendo que o mundo encontra-se repleto de uma multidão infinita de livros, diariamente oferecidos em toda parte: eu posso parecer (talvez) estar assumindo uma questão supérflua e desnecessária, por neste presente momento empenhar-me em tão grande volume como este, especialmente ao se tratar da escrita de histórias, considerando que atualmente o mundo está abastecido não somente com uma amostra considerável de assuntos supérfluos, mas com todos os demais tratados, de tal modo que livros podem estar carecendo de Leitores, em vez de Leitores estarem precisando de livros.”⁴¹ FOXE (1563), p. 12v.

³⁹ GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. Oxford University Press, 2001, p.2.

⁴⁰ “[...] the Book of Martyrs, which constituted the most physically imposing, complicated, and technically demanding sixteenth-century English book.” KING (2006), p.81.

⁴¹ “Seeing the worlde is so replenished with such an infinite multitude of bookes, dayly put foorth everye where: I shall seme (perhaps) to take a matter in hand superfluous and needless, at thys present time to sette out so great a volume as this is, especiallye touching writing of historyes, considering now adaies the worlde is pestred not onelye with a superfluous plenty thereof, but of all other treatises, so that bookes maye rather seme to lacke Readers, then Readers to lacke bookes.” FOXE (1563), p. 12v.

Ele temia ser um escritor fraco e insuficiente diante da missão que tinha diante de si. Contar a história dos verdadeiros mártires era uma tarefa demasiado grandiosa para que ele falhasse:

“Por essa razão nenhum homem deve supor que foi de maneira inadvertida ou imprudente que me dediquei a tal empreitada, pois certamente eu tenho sido não somente hesitante, mas também tímido e receoso [...]. E por quê? Porque percebi o quão instruída é esta nossa geração na leitura de livros.”⁴² FOXE (1596), p. 21r.

Foxe temia não ser “suficientemente equipado com tais ornamentos capazes de satisfazer a perfeição de tão grandiosa história, ou suficiente para atender à utilidade dos estudiosos, e ao deleite dos instruídos.”⁴³ Todavia, apesar da certeza que tinha acerca de suas próprias limitações, ele afirma ser a história dos mártires de tão grande importância que seria impossível que ele a pudesse negligenciar. Era inadmissível que “os preciosos monumentos [...] de tantos homens que deveriam ser gravados e registrados, devessem ser mantidos enterrados por minha culpa em um poço de esquecimento.”⁴⁴ O que move, então, sua iniciativa de escrever uma história dos mártires é, segundo ele, sua relevância para a história da própria Igreja.

Tal história seria tão fundamental que deveria ser lida por todos: “Então eu o compus na língua que o povo simples pudesse melhor compreender.”⁴⁵ Assim, pode-se observar que o intuito alegado de Foxe era de que o Livro dos Mártires atingisse um público abrangente, que fosse capaz de apreender seu conteúdo histórico e teológico graças à linguagem acessível utilizada.⁴⁶ Nesse prefácio destinado a apontar a utilidade de seu trabalho, Foxe, portanto, investe na defesa da acessibilidade do livro como fator legitimador de sua relevância para o público inglês.⁴⁷

⁴² “I perceived how learned this age of ours is in reading of bookes.” FOXE (1596), p. 21r.

⁴³ “not sufficiently furnished with such ornaments able to satisfy the perfection of so great a story, or sufficient to serve the utility of the studious: and the delight of the learned.” FOXE (1596), p.21r.

⁴⁴ Segue a citação completa de Foxe: “But agayne on the other syde, when I wayed with my selfe so great an histiry of so famous doings, as this our age dayly hath ministred unto us, by the patient sufferings of the worthy martyrs: I thought it not to be neglected, that the precious monuments of so many matters, and men moste meete to be recorded and registred in bookes, should lye buried by my faulte in the pit of oblivion.” FOXE (1596), p. 21r.

⁴⁵ “So I have framed in that tongue which the simple people could best understand.” Ibidem.

⁴⁶ Embora ainda não sejam tão precisos os dados acerca dos níveis de alfabetização na Europa moderna, sabe-se que os ingleses estavam entre os representantes dos mais altos índices, juntamente com holandeses e escandinavos. Como afirma Peter Burke, a Inglaterra da década de 1560, em que é publicada a primeira edição do Livro dos Mártires, passou por uma verdadeira “revolução educacional,” empreendida a partir da fundação de escolas puritanas “em cidades-mercados no País de Gales, sob a ‘lei para a propagação do Evangelho’, e graças aos não-conformistas as ‘escolas circulantes’ levaram a alfabetização ao campo durante o século XVIII.” BURKE, P. *Cultura popular na Idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.274.

⁴⁷ Pode-se observar essa intenção de Foxe, de que o livro fosse acessível, pela preocupação que ele e seu editor John Day demonstram ter, desde a primeira edição, com os diferentes níveis de letramento de seus leitores. Tal preocupação se faz ver em aspectos materiais da disposição tipográfica da primeira edição, em que “Day empregou uma coluna única de tipo itálico para documentos em Latim, versus colunas duplas para o texto vernacular impresso em *blackletter*.” “Day employed a single column of italic type for Latin documents versus double columns for vernacular text printed in black letter.” KING (2006), p.99.

A partir de tais considerações, Foxe começa a comparar o teor de sua narrativa à literatura que comumente agradava aos interesses dos leitores. Temas relativos a crônicas de guerra, terrores nos campos, cidades saqueadas e quedas de reinos e povos são elencados por ele como temáticas mais profanas e que satisfaziam o gosto de boa parte do público. Desse modo, ele as compara com seu Livro dos Mártires, de forma que fique evidente que a vida dos mártires é tão ou mais relevante que tais temas. Para Foxe, conservar a memória, a vida e os atos dos mártires era não só uma atitude de aprofundamento acadêmico, mas também e, principalmente, de enriquecimento moral.⁴⁸

As histórias dos mártires que Foxe contaria em seu Livro serviam “não somente para deleitar os ouvidos, mas também para adornar a vida.” O proveito moral que se podia extrair a partir da leitura do livro é evidenciado por ele, portanto, na medida em que descreve os principais sujeitos de sua história, os mártires, como verdadeiras testemunhas da obra divina e exemplos de encorajamento na adversidade, “como na leitura de suas cartas poderemos entender”⁴⁹, afirma ele. Através da leitura de tais cartas, disponíveis no livro, Foxe esperava evidenciar e legitimar as qualidades por ele atribuídas aos mártires, de modo que seus leitores pudessem atestar por si mesmos a veracidade de suas informações.

Pode-se afirmar, logo, que Foxe era ciente do potencial didático de seu livro. Os recursos, documentos e cartas de que ele dispunha serviam, de certa forma, como prova da legitimidade e da necessidade de uma história como a sua. Dessa forma, ele consegue clarificar seu intuito de estabelecer a superioridade moral do conteúdo de seu livro em relação àquelas histórias e temáticas profanas pelas quais tanto se interessava a maioria dos leitores.

Tal superioridade, segundo ele, se afirmava no fato de que a leitura da história dos mártires faria homens melhores: “somos feitos melhores em nossas vidas, e além disso somos melhor preparados para conflitos (se pela permissão de Deus eles venham a ocorrer daqui pra frente), mais sábios por sua doutrina e mais firmes por seu exemplo.”⁵⁰ Os leitores de Foxe poderiam, desse modo, apoiar-se nos ensinamentos e exemplo dos mártires para os desafios de seu próprio tempo; a expectativa, pode-se afirmar, era de que o Livro dos Mártires servisse de consolo e encorajamento para as perseguições que poderiam vir a assolar os protestantes ingleses do século XVI, de maneira que se

⁴⁸ “Now if men commonly delite so much in other Chronicles which intreate onely upon matters of pollicye, and reioyce to behold therein the variable events of worldly affayres, the Stratagemes of baliant Captaynes, the terror of foughten fieldes, tha facking of Cities, the hurly burlies of Realmes and people. And if men thinke it fuch a gay thing in a common wealth to commit to hifory fuch old antiquities of things profane, and beftow all their ornaments of wit and eloquence in garnifhing the fame; how much more then is it meete for Chriftians to conferve in remembrance the lives, actes and doings, not of bloodly warriours, but of milde and conftant Martyrs of Chrifit. which ferve not fo much to delight the eare, as to garnifh te life, to frame it with examples of great profite, and to incourage men to all kind of Chrifitian godlines.” FOXE (1596) p.21r.

⁴⁹ “As in reading of their letters we may understand”. Ibidem.

⁵⁰ “We are made better in our livings, and besides are better prepared unto the like conflicts (if by Gods permission they shall happen hereafter) more wiser by their doctrine, and more steadfast by their example.” FOXE (1596) p.21r.

torna mais evidente a relação de continuidade que Foxe se esforçava por estabelecer entre os sofrimentos dos cristãos na Inglaterra moderna e as aflições dos mártires da Igreja primitiva.⁵¹

Foxe, dessa forma, se dedica a demonstrar o tamanho valor dos mártires para a Igreja da Inglaterra, e, também, no final do prefácio, para a Igreja primitiva. Segundo ele, os cristãos da antiguidade prestavam muitas honras aos seus mártires, pois estes os ensinavam a lidar de uma maneira santa com a tirania, lição que, como Foxe afirma, era necessária também aos seus contemporâneos. Isso porque, mesmo durante o reinado de Elizabeth, era real o temor protestante por um retorno das perseguições religiosas, expresso principalmente na oposição de muitos protestantes ingleses, dentre eles o próprio Foxe, aos chamados nicodemitas, nome dado àqueles que, embora nutrindo convicções protestantes, conformavam-se exteriormente ao catolicismo. Como afirma Karl Gunther, a literatura hagiográfica desempenhou papel fundamental na campanha anti-nicodemista. Pode-se considerar, portanto, que o Livro dos Mártires de John Foxe almejava uma garantia de que as denúncias dos mártires às posturas nicodemistas permanecessem audíveis na consciência dos protestantes elisabetanos. Segundo Gunther,

“isso tocou em um ponto extremamente sensível para um público leitor protestante no reinado de Elizabeth, não apenas porque a maioria dos protestantes eduardianos tivessem conformado-se durante o reinado de Maria, mas porque a Igreja e o Estado elisabetanos eram encabeçados por um trio de Nicodemistas: Arcebispo Parker,⁵² Secretário Cecil,⁵³ e a própria Rainha.”⁵⁴ GUNTHER (2014), p.114.

Diante de tais circunstâncias, era necessário, para Foxe, proclamar e, especialmente, publicar os feitos dos mártires cristãos, assim como faziam os autores da Igreja primitiva. Ele reforça, então, que ele e seus leitores - “Nós, posteridade e filhos dos Mártires”⁵⁵, devem imitar seu exemplo de perdão e sacrifício. Encorajamento e uma vida piedosa baseada no exemplo dos mártires eram, portanto, a maior utilidade e o principal fruto que Foxe desejava apresentar em sua história.

O *Utility of this Story*, portanto, pode ser observado a partir de seu caráter representativo, que permite que se lhe caracterize como um prefácio modelo dentre os demais componentes do Livro dos

⁵¹ Como afirma Karl Gunther, até mesmo os primeiros protestantes ingleses tinham como certos os sofrimentos e a perseguição, e os viam como provas de sua verdadeira piedade e de sua vocação divina. Inevitáveis, também, eram a guerra e a divisão; a verdade do Evangelho não seria estabelecida sem a espada: “peace and unity were godly things, but they would be unattainable on earth.” GUNTHER, K. *Reformation Unbound. Protestant Visions of Reform in England: 1525-1590*. Cambridge University Press, 2014, p.96.

⁵² Matthew Parker (1504-1575) foi Arcebispo de Canterbury de 1559 a 1575.

⁵³ William Cecil (1520-1598) foi o principal conselheiro de Elizabeth durante seu reinado.

⁵⁴ “This touched on a rather sensitive subject for an Elizabethan Protestant readership, not only because the majority of Edwardian Protestants had conformed under Mary but because the Elizabethan Church and state were headed by a trio of former Nicodemites: Archbishop Parker, Secretary Cecil, and the Queen herself.” GUNTHER (2014), p.114.

⁵⁵ “They wishing well to all men, did of their own accord forgive their persecutors: and therefore ought we, which are now the posterity and Children of Martyrs, not to degenerate from their former steps, but being admonished by their examples.” FOXE (1596) p.21r.

Mártires. Nele, Foxe confere ao leitor as informações sem as quais sua leitura se daria de maneira incompleta, além da descrição das vantagens que tal leitura poderia proporcionar. Atribuindo valor ao tema de sua obra,⁵⁶ e simultaneamente insistindo na pequenez de sua posição como autor, em contraste com a nobreza da história que se dedicava a contar, Foxe demonstra apostar na importância moral e intelectual de seu livro, em sua originalidade, na unidade dos documentos compilados em sua publicação e, também, na garantia de veracidade de suas afirmações, como expressões da indubitável utilidade que o Livro teria para quem se empenhasse em lê-lo.

Apresentar ao leitor o porquê de um livro é, quase sempre, o que todo prefácio intenta.⁵⁷ Justificar a importância de seu livro faz parte da tarefa do autor de munir o leitor com as informações necessárias a uma leitura correta; é um passo para fazer que o livro seja lido, e lido propriamente. O *Utility of this Story*, então, opera no Livro dos Mártires de modo a preencher o espaço de justificativa da obra, onde Foxe apresenta as vantagens da leitura de seu livro e os meios para torná-la plenamente satisfatória.

O *Utility of this Story* esteve presente no Livro dos Mártires em todas as edições aqui consideradas. A constância de sua aparição poderia tê-lo tornado menos relevante do que outros, cujas alterações fazem-se mais numerosas e notáveis; porém, o que aqui lhe confere relevância é, justamente, sua funcionalidade editorial, expressa principalmente em seu papel, específico e único, de apresentar ao leitor a utilidade do Livro dos Mártires. Antes de poder ser criticado e, sequer, lido, o Livro carecia de uma apresentação bem executada, tarefa estrategicamente empreendida por Foxe nesse prefácio.

A superioridade do Livro dos Mártires, tão ferrenhamente defendida por Foxe no *Utility of this Story*, entretanto, não seria objeto de concordância para todos. A primeira edição do Livro, publicada em 1563, rendeu a Foxe uma série de críticas de seus oponentes católicos, especialmente acerca da falsificação de documentos, de seus exageros numéricos e da imprecisão histórica de sua narrativa. Era o caso do católico Nicholas Harpsfield, o mais notável dos críticos de Foxe, cujos ataques também se dirigiam a outros autores protestantes, sob o pseudônimo de Alan Cope.⁵⁸ Como Foxe se dirigia a tais adversários e como respondia às suas críticas será objeto de análise, portanto, dos próximos capítulos.

⁵⁶ GENETTE (1997), p.199.

⁵⁷ Idem, p.198.

⁵⁸ “Not only did Foxe engage in substantial revision of the original text and deletion of previously published material, he expanded the collection in response to stinging assault by Roman Catholic critics, most notably Nicholas Harpsfield, whose *Dialogi sex* (Antwerp, 1566) attacked Protestant historians including Foxe under the pseudonym of Alan Cope.” KING (2009), p.xx.

2. CAPÍTULO 2

“PREFACE TO THE PERSECUTORS”

Escrituras e impressão como armas escatológicas

2.1. O imperativo escriturístico

É certo que o apelo às Escrituras como base para a formulação doutrinária foi o ponto central da proposta dos reformadores do século XVI, afinal de contas, “as disputas da Reforma eram apaixonadas por palavras porque palavras eram incontáveis refrações de um Deus do qual um dos nomes era Verbo: um Deus encontrado numa biblioteca de livros simplesmente chamada Livro - a Bíblia.”⁵⁹ O próprio Lutero, reformador da Saxônia, iniciou suas atividades docentes em Wittenberg, no inverno de 1513-14, como professor de estudos bíblicos, tendo-se tornado, em 1512, doutor juramentado da Escritura Sagrada.⁶⁰ Seu debate teológico contra a prática das indulgências sustentou-se, principalmente, em sua leitura do texto bíblico de Romanos, sobre o qual lecionava juntamente com lições sobre os Salmos, Gálatas e Hebreus. Moldado por seus longos estudos sobre a língua e gramática bíblicas, e auxiliado pelos recursos linguísticos do humanismo renascentista, Lutero une sua busca pessoal pela certeza da salvação a uma empreitada teológica de debate acadêmico com base na Escritura: “sua experiência de conversão foi, nas palavras de Gerhard Ebeling (1970), um *Sprachereignis*, um evento linguístico.”⁶¹

Pode-se observar, desse modo, a própria Reforma como um processo primariamente associado a transformações de cunho intelectual, teológico e hermenêutico. Novas ideias sobre o conceito de igreja, sobre o papado e sobre a missa, nasciam de uma nova teologia, que, por sua vez, se dava graças ao uso de novas ferramentas hermenêuticas, novas interpretações do texto bíblico. E, no caso das Reformas Inglesas, tal consideração se faz ainda mais necessária. O imperativo escriturístico que caracterizou a argumentação reformada baseava-se na certeza e suficiência da Escritura, e aqui encontra-se o princípio básico dessa reforma hermenêutica. Os primeiros reformadores ingleses tinham, portanto, como principal bandeira a tradução e disseminação do texto bíblico, sendo o

⁵⁹ “Reformation disputes were passionate about words because words were myriad refractions of a God one of whose names was a Word: a God encountered in a library of books itself simply called ‘Book’ - the Bible.” MACCULLOCH, D. *Reformation: a History*. Estados Unidos: Penguin Books, 2005, p.xx.

⁶⁰ “In 1512, Luther became a “sworn Doctor of the Holy Scripture” and embarked on his life-long career as professor of biblical studies at Wittenberg. Later, in his controversies with the church, he appealed to his doctoral oath in which he vowed to exposit and to defend the Scriptures. He believed he had a mandate from the church, and that his efforts for reform were not just a personal crusade.” LINDBERG, C. *The European Reformations*. Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2010, p. 62.

⁶¹ “His conversion experience was, in the words of Gerhard Ebeling (1970), a *Sprachereignis*, a language event.” Idem, p.63.

protestantismo na Inglaterra, assim, uma típica “religião do livro.”⁶² A semente do que poderia vir a ser o protestantismo inglês, entretanto, já havia sido lançada décadas antes que o primeiro panfleto luterano circulasse na Londres moderna. Trata-se do esforço reformista do pároco e mestre da Universidade de Oxford, John Wycliffe (1330-1384), excomungado pelo Concílio de Constança em 1415, e cuja defesa da tradução integral do texto bíblico para o vernáculo constituiu seu principal elo com os reformadores do século XVI e, especialmente, com os primeiros reformadores ingleses.⁶³

O lollardismo, como ficou conhecido o movimento liderado por Wycliffe, foi a semente para o crescente anticlericalismo que, como apontam historiadores ingleses como A. G. Dickens, já espreitava a Inglaterra às vésperas da Reforma. O anticlericalismo inglês tinha raízes mais amplas, não estando confinado apenas às ideias lollardistas. A oposição ao luxo clerical vinha tanto de clérigos quanto do próprio povo. John Colet, deão humanista da catedral de São Paulo, fez uso de seu sermão de convocação, em 6 de fevereiro de 1512, para atacar a ganância do clero inglês, que, segundo ele, “não busca nada do povo além de lucro.”⁶⁴ A oposição popular pode ser vista nas acusações sensacionalistas do famoso tabloide *Supplication for Beggars* [Súplica aos mendigos], de 1529, em que seu autor, o advogado londrino Simon Fish, afirma ser o clero “composto por mendigos ricos que roubam mendigos pobres.”⁶⁵

Embora não exclusivamente condicionado às suas raízes lollardas, o anticlericalismo inglês tem o cerne de sua expressão, no século XVI, a partir da ênfase no conhecimento e divulgação das Escrituras, uma herança lollardista que projetou a crescente admiração, nos meios protestantes, pela Bíblia inglesa, cuja posse era criminalizada desde 1409.⁶⁶

Pode-se afirmar que boa parte dos esforços de Wycliffe, que, em pleno século XIV já ousava desafiar a validade da hierarquia papal e a doutrina da transubstanciação, foram respondidos na pessoa de William Tyndale (1494-1536). Tyndale, erudito e fluente em hebraico, grego, latim, italiano, espanhol, francês, inglês e alemão, consagrou-se como o principal tradutor das obras luteranas circulantes em território inglês e do Novo Testamento, tradução publicada em 1525.

⁶² “Protestantism, it has been assumed, was a religion of the book [...] in a sense that Catholicism never was.” COLLINSON, P. *English Reformations*. In: HATTAWAY, Michael. *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Blackwell Publishers Ltd, 2003. p.28.

⁶³ LINDBERG (2010), p.295.

⁶⁴ “seke none other thyng in the people than foule lucre”. DICKENS (1987), p.385 apud LINDBERG (2010), p.295.

⁶⁵ Idem, p. 296.

⁶⁶ “Their emphasis on knowledge of the Bible – and in particular an obsession with the Bible in English – led to the outlawing of the English Bible altogether in 1409. Possession of “even a fragment of a ‘Lollard’ English Bible” could incur being burned alive. The popular desire for an English Bible was, however, so great that later the Chancellor Thomas More “could suggest that small sections – say, half of the book of Joshua – might be loaned to carefully selected people: on pain of death, they were not to get together so that someone could see the whole Bible in English” DANIELL (2000), p.41 apud LINDBERG (2010), p.295.

Tem-se, em Tyndale, a grande expressão do esforço pela divulgação da Bíblia, em língua inglesa e acessível a todos, que marcou definitivamente a ascensão protestante na Inglaterra. A Bíblia era o elemento central de toda e qualquer defesa protestante; uma Bíblia inglesa e acessível seria seu triunfo definitivo. Como bem afirma Carter Lindberg, “o *establishment* temia uma Bíblia vernacular porque receava que os leigos chegassem à conclusão de que:

“práticas lucrativas da Igreja não estavam na Bíblia, como a doutrina do purgatório, uma invenção do século XII, nem a necessidade de ‘mortuários’ (isto é, o direito de um ministro exigir, pouco antes da morte, o item mais valioso de um lar como um presente). A Bíblia também não mencionava nenhum Papa.”⁶⁷ DANIELL (2000), p. 41 apud LINDBERG, (2010), p. 299.

Desse modo, o imperativo escriturístico, essa ardente necessidade de volta às Escrituras, já levantada desde o século XIV com os lollardos de Wycliffe, constituiu-se como o principal elo de ligação entre os primeiros reformadores ingleses. A convicção sobre a falta de base bíblica para muitas das doutrinas católicas correspondia ao principal argumento protestante acerca da falibilidade e corrupção de toda a Igreja de Roma. O desejo por um Bíblia inglesa unia, com efeito, todos aqueles para quem o clericalismo inglês já não correspondia à verdadeira espiritualidade cristã, genuinamente encontrada nas Escrituras.

2.2. Escritura como regra, impressão como dádiva

É essa certeza a respeito da incompatibilidade entre o sistema romanista e o padrão escriturístico que leva John Foxe a desafiar os que ele denomina “Perseguidores da verdade de Deus, comumente chamados Papistas”, em seu *Preface to the Persecutors*, apresentado na primeira edição do Livro dos Mártires, publicada em 1563. O conhecimento bíblico, acrescido de uma profunda convicção de que as Escrituras falavam contra os papistas, orienta Foxe em toda a sua argumentação contra os adversários católicos. Um prefácio dedicado a tais interlocutores é, decerto, um dos exemplos do comportamento provocativo de Foxe ao longo do Livro e, principalmente, de sua postura claramente anticatólica ao abordar a história do cristianismo.

A relação entre o Livro dos Mártires e a cultura impressa, pode-se dizer, não se deu somente através de seu impacto comercial e intelectual, mas também a partir de seu próprio conteúdo, do valor que o próprio Foxe costumava empregar à palavra impressa e seus desdobramentos. Tal exaltação da

⁶⁷ “that profitable Church practices were not in the Bible at all, like the doctrine of purgatory, which was a twelfth-century invention, nor the necessity of ‘mortuaries’ (that is, the right of the priest, at death, to demand the most profitable item of a household as a gift). The Bible knows no Pope.” DANIELL (2000), p. 41 apud LINDBERG, (2010), p. 299.

palavra impressa fica evidente no *Preface to the Persecutors*, em que Foxe confere à impressão um valor escatológico.

Para Foxe, a palavra impressa era uma dádiva: a partir dela os crimes papistas eram trazidos à luz. Em seu intuito de divulgar os crimes cometidos contra tantos “santos e servos de Cristo”⁶⁸, Foxe tinha na impressão uma aliada divina, prova de que o próprio Deus havia descoberto as atrocidades papistas e trazido-as à luz. Luz e impressão, assim como Luz e Palavra de Deus, são paralelismos bastante empregados na linguagem de Foxe.

Foxe não receia em reafirmar o imperativo escriturístico de que é herdeiro. Para ele, tanto as Sagradas Escrituras quanto as histórias dos mártires, cada uma a seu modo, testemunha contra seus adversários. É essencial para ele, portanto, o uso de analogias bíblicas, fruto de uma exegese tipicamente protestante, distante da tradição do magistério romano e dos vícios papistas os quais ele procura, a todo tempo, evidenciar. Primeiramente, então, é preciso compreender o modo como Foxe considera as próprias Escrituras, para que então possamos partir para uma consideração de sua visão da cultura impressa.

Ora, o Prefácio aos Perseguidores inicia-se como sendo dirigido aos “Perseguidores da verdade de Deus.” Tais perseguidores a quem Foxe se dirige são por ele acusados de cometer as piores atrocidades contra os mártires, principalmente naqueles meados do século XVI. Foxe, então, inicia seu texto com um convite:

“Veja e contemplai, eu vos peço nesta história, o deplorável massacre de vossa matança. Contemplem o trabalho de vossas mãos, considerai o número quase incontável de tantos simples cordeiros de Cristo, cujo sangue vós tendes caçado e sugado, cujas vidas tendes oprimido, cujos corpos tendes assassinado, torturado e atormentado [...], sem misericórdia, sem medida, sem qualquer senso de humanidade.”⁶⁹ FOXE (1563), p.11v

A constatação da crueldade dos crimes papistas introduz o leitor ao objetivo de Foxe neste primeiro momento: exortação. “Então aceitem minha boa vontade no Senhor, a qual aqui pensei em significar a vós no início deste prefácio, não para buscar vossa aceitação (com a qual não muito me importo), mas unicamente desejando a conversão de vossas almas, se talvez eu puder fazer-vos algum bem.”⁷⁰ Foxe alega escrever com o intuito de que seus adversários sejam constrangidos diante da irrefutabilidade de seus atos, e, assim, venham a arrepender-se. Ele afirma que, tal como o apóstolo

⁶⁸“Christes Holy Saints and Servants.” FOXE (1563). p.11v.

⁶⁹ “See and behold I besech you here in this story the pitiful slaughter of your butchery. Beholde your own handy worcke, consider the nomber almost out of nomber of so many silly and simple lambs of Christ, whose bloud you have sought and suckt, whose lyves you have vexed, whose bodies you have slayne, racked and tormented [...] wythout mercy, without measure, without all sense of humanity.” FOXE (1563), p.11v.

⁷⁰ “...then accept my good wyll in the Lord, whych here I thought to signify unto you in the begynning of thys preface, not to slatter or seeke for your acceptation (which I care not greatly for), but onely as tendering the conversion of your soules, if perhaps I may do you any good.” Idem, p.11r.

Pedro admoesta os fariseus - que antes haviam acusado e condenado o próprio Cristo - a se arrependem, assim também ele o faz para com os papistas, ao dizer “E nós com Pedro vos exortamos: Arrependei-vos de vossas más obras.”⁷¹

O “nós” da frase acima é usado para referir-se aos protestantes, aliados dos mártires. O paralelismo que Foxe aqui introduz estabelece, dessa forma, a ideia de que, a favor dos protestantes, tem-se o exemplo do apóstolo Pedro, registrado e endossado pelas Escrituras, enquanto que aos católicos resta a infeliz associação com aqueles que entregaram Cristo à morte. A exortação de Foxe, porém, tem dois objetivos: que seus adversários se arrependam, sim, mas também que sejam devidamente responsabilizados por seus atos. Isto porque Foxe estava ciente e convicto de que a divulgação dos crimes papistas era obra do próprio Deus, a quem caberia a denúncia e, principalmente, o julgamento de tais ações: “O que já fizestes tão em secreto [...], mas o Senhor o descobriu, e o trouxe à luz?”⁷²

Na certeza de que os crimes papistas foram trazidos à luz sob a vontade e com a ajuda do próprio Deus, Foxe pode afirmar que, a partir de seu Livro, eles poderão não somente ser vistos, mas também enumerados. Ele afirma, portanto, ter detectado tais crimes, de maneira que o mundo inteiro possa, assim, lê-los. Percebe-se, então, o valor que Foxe conferia à divulgação impressa dos atos de seus adversários. A palavra impressa, aliada ao arcabouço bíblico, seria a principal ferramenta de Foxe; e, em um contexto de ascensão do protestantismo, era exatamente isso de que ele precisava. A divulgação em forma impressa dos crimes de seus adversários, que sintetiza o conteúdo e intenção de seu Livro dos Mártires, é vista aqui como imprescindível aos rumos futuros das ações dos papistas e à sua possibilidade de retratação diante de tais atos. A impressão e publicação de tais crimes exerce papel central na história dos mártires de Foxe, que, a partir do Livro impresso e comercializado, recebem reconhecimento e prestígio por seu sofrimento.

Assim como a redescoberta protestante da Palavra de Deus significava luz, a palavra impressa recebia quase o mesmo status. Como bem aponta Patrick Collinson:

“Martinho Lutero chamou a impressão de ‘supremo e excelente presente de Deus’, através do qual Ele poderia instruir ‘todo o mundo’ nas ‘raízes da verdadeira religião’, e o martirologista inglês John Foxe disse coisas semelhantes. ‘Deus abriu a imprensa à pregação, cuja boca o Papa nunca será capaz de calar com todo o poder de sua tripla coroa.’”⁷³ COLLINSON (2003), p.28

A impressão era o “supremo e excelente presente de Deus”, e deveria ser usada como tal. Foxe a considera então, como parte essencial de seu discurso escatológico. “Este Livro irá testificar e

⁷¹ “And we with Peter exort you: Repent your mischiefs.” Idem, p.11v.

⁷² “Yet, what have you ever done so in secret [...], but the Lord found it out, and brought it to light?” FOXE (1563), p.11v.

⁷³ COLLINSON (2003), p.28.

denunciar contra vós”⁷⁴, é o que ele afirma ao considerar o Grande Dia, em que Deus julgará vivos e mortos, e o próprio Cristo se vingará daqueles que atacaram os crentes em Seu nome. Este será o dia em que, segundo Foxe, será requerido das mãos dos papistas o sangue dos santos por eles martirizados ao longo de tantos anos, e, neste dia, seu próprio Livro dos Mártires será divinamente usado como testemunha incontestável contra o possível perjúrio de seus adversários, que não poderiam negar a veracidade de tal Livro nem em seus dias e muito menos no Dia do Juízo.

O Livro dos Mártires, impresso e publicado, era não apenas uma obra auxiliada pelo próprio Deus, mas também viria ser a prova judicial contra os papistas. A impressão adquire, portanto, uma dimensão escatológica, sendo divina não apenas em sua origem, mas, principalmente, em sua finalidade. Observa-se, portanto, que a expectativa de Foxe era de que o impacto de sua obra se estendesse, sob a vontade de Deus, aos portões da eternidade. O Livro dos Mártires selaria o destino dos papistas, servindo como prova contrária a todas as suas possíveis manobras de defesa e presunção de inocência diante do “Juiz que há de vir.”⁷⁵ Com respeito a essas possíveis manobras, Foxe destaca a possibilidade de que os papistas alegassem ter feito tais coisas em concordância com a Lei de Deus, a que Foxe responderia com a objeção de que as leis seguidas pelos papistas em nada correspondiam à Lei de Deus - segundo ele vividamente presente na Escrituras Sagradas -, mas sim a leis feitas por mãos humanas e historicamente vinculadas aos interesses dos poderosos.

Segundo Foxe, seriam essas leis, em nada divinas e de todo humanas, que teriam sido responsáveis pelo enquadramento de tantos mártires como hereges em seu tempo. Foxe critica, assim, a legitimidade do conceito de heresia vigente nas leis canônicas dos papistas, desqualificando também as doutrinas romanas da transubstanciação, da supremacia papal, do purgatório, a veneração de imagens e a prática das peregrinações, contra as quais também se levantavam os intelectuais reformados por toda a Europa.

Outra possível argumentação a que os papistas poderiam recorrer no Grande Dia, de acordo com Foxe, seria a de que eles não haveriam sido responsáveis pelo assassinato dos mártires, mas apenas teriam entregado os casos a o que Foxe chama de poder secular. Contra tal argumento, Foxe conclui sua série de indagações com a frase icônica: “será difícil bancar o sofista diante do Senhor.”⁷⁶

Pode-se dizer que o alvo central de Foxe, neste *Preface to Persecutors*, é dirigir-se a seus adversários com uma dupla intenção: que eles se arrependam e que sejam, também, punidos. Seu Livro, portanto, serve ora como uma revelação divina dos pecados cometidos por séculos contra o que ele considera ser a verdadeira Igreja de Cristo, ora como prova contrária aos perseguidores. Para Foxe, o Livro conferia vida aos mártires de que tratava, dando a eles o poder de testemunhar contra

⁷⁴ “This book will testify and denounce against you.” FOXE (1563), p.11v.

⁷⁵ FOXE (1563), p.11v.

⁷⁶ “It will be hard to play the Sophist before the Lord”. FOXE, (1563), p.11r.

seus perseguidores através de suas histórias impressas. O poder da impressão do Livro acabaria, assim, por levantar as cinzas dos mártires contra os papistas, como um grande exército liderado pelo próprio Deus: “Não são as próprias cinzas dos Mártires, os quais vós assassinastes, que se levantam contra vós em maiores exércitos? Vendo, assim, que o Senhor irá e deve prevalecer, sejais aconselhados e exortados no Senhor, abandonais vossa resistência [...]” FOXE (1563), p.11v.

Ora, tal exército só se poderia erguer graças à quase sagrada combinação entre Escritura e impressão, ambas sendo manuseadas pelo próprio Deus a favor dos mártires. Ambas seriam, assim, armas escatológicas, revelando o poder da palavra impressa para divulgar as verdades bíblicas e, quando necessário, julgar os malfeitores e inimigos dos santos no Grande Dia.

O posicionamento crítico que Foxe exprime ao se dirigir aos denominados perseguidores expõe muito de suas visões pessoais acerca do papel histórico de sua obra. Seu Livro dos Mártires era, a seus olhos, um verdadeiro testemunho da santidade dos mártires e da crueldade contra eles imposta, de modo que sua publicação era, assim, fruto da vontade do próprio Deus.

Ora, não só era o Livro dos Mártires uma obra cuja publicação nascia do arbítrio divino, como também um livro-testemunha. Os sofrimentos dos mártires estariam nele registrados e selados, de modo que, no Dia do Juízo, seria inclusive consultado como prova contra os papistas. Além disso, no *Preface to the Persecutors* Foxe mostra-se munido de um ímpeto de exortação. Ele esperava que seus destinatários papistas se arrependessem dos crimes por eles cometidos e listados no Livro dos Mártires, cuja leitura serviria até mesmo para produzir arrependimento.

Os mártires, cria Foxe, far-se-iam ouvir diante do Livro a eles dedicado, que seria prova irrefutável dos sofrimentos e da injustiça operada contra eles. O *Preface to the Persecutors*, portanto, cumpre um papel importante na construção de tal identidade atribuída ao Livro dos Mártires, de modo que, por meio dele, o leitor pudesse observar de que maneira o livro deveria ser considerado como testemunha, a fim de que os perseguidores pudessem compreender sua culpa diante dos crimes registrados e, assim, tivessem uma leitura frutífera, através da qual viriam a se arrepender.

O *Preface to the Persecutors* foi publicado na primeira edição do Livro dos Mártires, em 1563, cuja impressão “espelhou a turbulência de um período de perseguição religiosa que havia sido interrompida com a ascensão de Elizabeth I.”⁷⁷ O otimismo gerado pelo fim do reinado de Maria I (1553-1558) havia aberto as portas para exilados como Foxe, que retornavam à Inglaterra ansiosos pela plena implementação da Reforma em solo inglês e, principalmente, assombrados pelos terrores das perseguições passadas. Assim, a literatura apocalíptica era tomada como um meio pelo qual podia-se contrastar as posições da Igreja da Inglaterra e de Roma ao longo da história, de modo que o sentimento anti-papista tornava-se, cada vez mais, a principal área de concordância entre os

⁷⁷ “For example, the contorted compilation and printing of the first edition mirrored the turbulence of a period of religious persecution that came to a halt with the accession of Elizabeth I.” KING (2006), p.92.

diferentes grupos de protestantes ingleses.⁷⁸ Assim, como bem afirma Diarmaid MacCulloch, “a eficácia de Foxe estava em seu duplo apelo ao fato histórico e ao simbolismo numérico e místico, enquanto contribuía o fato de que ele inscrevia a rainha Elizabeth entre os confessores da fé, graças às desventuras vividas por ela sobre o reinado de sua meia-irmã Mary.”⁷⁹

A partir da segunda edição, publicada em 1570, porém, um outro prefácio dirigido aos papistas toma forma, o *Four Questions to the Papists*, que permanece por todas as edições subsequentes. A conexão entre tais prefácios, em relação tanto a seus conteúdos textuais quanto a sua cronologia editorial, faz-se necessária para que se compreenda os meios pelos quais Foxe se dirigia a seus adversários católicos em cada um deles. Sendo assim, sigamos para sua análise.

⁷⁸ O interesse pela literatura apocalíptica entre os protestantes ingleses é considerado por Diarmaid MacCulloch como a primeira coisa que poderia unir os protestantes ingleses, puritanos e conformistas. “Their energy in anti-papal literature was a major reason why they could continue to prosper in the Church despite their reservations about its imperfections.” MACCULLOCH, D. *The Later Reformation in England: 1547-1603*. Estados Unidos: Macmillan Education, 1990, p.78.

⁷⁹ “Foxe’s effectiveness was in his double appeal to historical fact and mystic number-symbolism, while it helped that he enrolled Queen Elizabeth among the confessor for the faith, thanks to her misfortunes under her half-sister Mary.” Idem, p.79.

3. CAPÍTULO 3

“FOUR QUESTIONS TO THE PAPISTS”

3.1. Um prefácio teológico

“A todos e a cada um de vós que professais a Doutrina e Religião do Papa, vosso Santo Padre, e de vossa Igreja-Mãe de Roma, usando o nome de Católicos, comumente chamados Papistas, habitando no Reino da Inglaterra, estas quatro Questões ou Problemas aqui seguintes eu apresento, desejando que todos nelas meditem ou respondam-nas em vosso tempo ocioso.”⁸⁰ FOXE (1570), p. 9r.

Assim Foxe inicia um dos prefácios mais significativos de seu Livro dos Mártires, as chamadas Quatro Questões aos Papistas. Tal prefácio é adicionado ao livro somente na segunda edição, de 1570, e condensa, por sua vez, uma série de temas basilares da história martirológica de Foxe: sua definição conceitual de Igreja, sua defesa da incorruptibilidade dos mártires protestantes, suas interpretações escatológicas, e, por fim, sua definição da verdadeira natureza da religião cristã.

Todos esses temas correspondem, por sua vez, às quatro questões que Foxe propõe aos destinatários de seu prefácio, e para as quais ele também oferece suas próprias respostas e conclusões. Trata-se de um prefácio essencialmente teológico. Ao longo das quatro questões, tem-se a construção de uma defesa da teologia protestante, associada ainda às considerações sobre a importância e o papel que Foxe confere à história enquanto legitimadora de suas visões anti-católicas.

O *Four Questions to the Papists* constitui-se, portanto, como um prefácio significativo tanto do ponto de vista editorial quanto da relevância de seu conteúdo. Poucos prefácios de Foxe foram tão bem-sucedidos em explicitar tantos pontos de sua defesa teológica e, ao mesmo tempo, clarificar nuances das relações editoriais que marcaram a história das publicações do Livro dos Mártires. Como se verá a seguir, trata-se de uma defesa da teologia protestante de Foxe, distribuída em quatro propostas de debate aos católicos, debate esse que Foxe aparenta interpretar como já vencido.

Em cada uma das quatro questões, ele expõe sua visão sobre vários dos pontos que, em pleno século XVI, exaltavam os ânimos de católicos e protestantes: soteriologia, eclesiologia e escatologia, sendo essa última a destinatária de grande atenção nesse prefácio. Além disso, vê-se também a delimitação do anti-papismo que tanto caracterizaria a repercussão do Livro dos Mártires. Escatologia e anti-papismo são, aqui, os principais recursos utilizados por Foxe para construir sua argumentação.

⁸⁰ “To you all and singular, which professe the doctrine and Religion of the Pope your holy Father, and of your mother Church of Rome, pretending the name of Catholickes, commonly termed Papists, wheresoever abiding in the Realme of England, these foure Questions or Problemes hereunder following I would move, desiring you all either to muse upon them, or to answere them at your leysure.” FOXE (1570), p. 9r.

Ao esforço de desqualificar a atuação histórica da Igreja de Roma, portanto, se associa uma interpretação escatológica da história, segundo a qual Roma teria sido, desde os tempos do Império, a principal perseguidora do verdadeiro cristianismo, o que, segundo Foxe — baseado nos sofrimentos dos protestantes sob o domínio papista —, permanece verdadeiro e visível em seu próprio tempo.

Na primeira questão, Foxe convida seus adversários papistas à leitura do livro do profeta Isaías, em seu capítulo 11:

“Sob essas premissas agora segue minha pergunta, como a Igreja de Roma pode se reportar a esse Monte de Sião: notando-se que na tal Igreja de Roma há, e tem havido por tantos anos tamanha matança e assassinatos, tamanha crueldade e tirania demonstradas, tanto queimar e derramar de sangue cristão, tamanha malícia e maldade perpetradas, como na leitura destas histórias poderá a todo o mundo aparecer.”⁸¹ FOXE (1570), p. 9r.

O monte aludido na pergunta de Foxe é o Monte Sião, que, segundo a narrativa veterotestamentária, simboliza a glória futura de Israel sob o governo do Messias. Foxe, fazendo uso de alguns versículos de Isaías, apresenta então o referido monte como sendo o monte da santidade de Deus, citando um versículo do livro do profeta: “Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o Senhor.”⁸²

Foxe, então, parte para seu questionamento: poderia a Igreja de Roma assemelhar-se a tão sagrado e pacífico monte? Contrastando os males e crimes cometidos pelos representantes da tal Igreja com o exemplo da paz divinal do Monte Sião, Foxe questiona-se a respeito da pretensa incorruptibilidade da Igreja romana, negando veementemente que esta possa ser comparada ao monte santo, indicando sua “Objeção” em nota marginal.

A refutação vem logo em seguida, quando Foxe aponta qual seria a interpretação católica para a referência ao Monte Sião. Para os católicos, o monte santo corresponderia à Igreja Triunfante, conjunto dos crentes que já habitam o Paraíso. Para Foxe, porém, está claro que a profecia se refere à Igreja Militante, aos crentes ainda na Terra.⁸³ Para ele, é nítida a referência exclusiva à Igreja

⁸¹ “Upon these premises now followeth my question, how the Church of Rome can be answerable to this hill of Sion, seeing in the sayd Church of Rome is, and hath been now so many years such killing and slaying, such cruelty and tyranny shewed, such burning and spilling of christen bloud, such malice and mischiefe wrought, as in reading these histories may to all the world appeare.” FOXE (1570), p. 9r.

⁸² “They shall not kill nor hurt, in all my holy hill, sayth the Lord.” Idem.

⁸³ “A isso se eles responderem, e expressarem essas palavras do Profeta como pertencentes à Igreja Triunfante, então eu respondo novamente: que pelas palavras expressas no mesmo lugar e sentença, tal senso não se pode sustentar, porque assim como o Profeta no mesmo lugar, onde ele profetiza sobre essa pacífica habitação no monte santo de Deus sem dano ou mortes, se referiu claramente à terra, e demonstrou também a causa dessa paz divinal. Porque (disse Ele) a terra está cheia do conhecimento e ciência do Senhor [...] E mais adiante o Profeta tratando do mesmo dia, quando tudo isso acontecerá, acrescentou dizendo: Naquele dia a Raiz de Jessé se erguerá como sinal para o povo, para que os Gentios se convertam, e O busquem. Tal dia de maneira alguma pode ser aplicado à Igreja nos céus triunfante, mas apenas à militante aqui na terra.” “To this if they answere, and expound these words of the Prophet, as pertaining to the church triumphant, thereunto I reply agaiyne: that by the words in the same place and in the same sentence expressed, that sence cannot stand, for as much as the Prophet in the very same place, where he prophesieth of this peaceble dwelling in Gods holy mountayne without hurting or killing, meaneth plainely of the earth, and sheweth also the cause of that godly peace. Because (sayth

Militante, ao que ele acrescenta sua visão de que, para além de tal associação, o Monte Sião também compreende seus estados temporal e eclesiástico. Foxe demonstra crer, assim, que a paz divina profetizada no livro de Isaías, diz respeito à realidade histórica em que vive. A paz e a harmonia prometidas no texto bíblico deveriam se concretizar no tempo presente, não somente no porvir.

Tem-se, então, uma expectativa pela função social da graça evangélica. A marca de uma sociedade ordenada e harmoniosa, portanto, seria a existência de homens convertidos ao verdadeiro Evangelho, “da violência à paciência, da ferocidade à indulgência, do orgulho à humildade, da crueldade à compaixão.”⁸⁴ Do mesmo modo, a desordem e a opressão, a violência e a arbitrariedade, seriam todas prova da ausência do verdadeiro Evangelho. À Igreja de Roma, agente da perseguição contra os verdadeiros mártires, faltava a verdade e a graça de Deus:

“Tais virtudes, se houvessem na Igreja de Roma (de acordo com a regra de São Paulo, que dispôs que os homens mais fortes suportassem as debilidades dos mais fracos, e isso em espírito de mansidão Rom.15, Gal.6) eu não precisaria agora neste tempo ter escrito tão longa história como essa sobre o sofrimento de tantos mártires.”⁸⁵ FOXE (1570), p. 9r.

A segunda questão que Foxe propõe, por sua vez, inclui-se no texto como uma defesa da incorruptibilidade dos mártires protestantes. Convocando os papistas a dizer-lhe as “razões justas ou razoáveis” para tamanho ódio aos protestantes, Foxe tenta demonstrar que tais razões são excluídas de razoabilidade ou justiça.⁸⁶ Ele prossegue, afirmando não haver motivos legítimos para se opor aos protestantes, afinal, eles não eram como judeus e infiéis:⁸⁷ eles eram batizados na mesma crença que os católicos, confessavam o mesmo Credo Apostólico, tinham o mesmo Deus, o mesmo Cristo e

he) the earth is replenished with knowledge and science of the Lord [...] And furthermore the Prophet speaking of the same day when this shall be, addeth saying: In that day the roote of Jesse shall stand for a signe to the people, for the Gentiles to be converted, and to seek unto him. Which day in no wise can be applied to the church in heaven triumphant, but only heere militant in earth.” FOXE (1570), p. 9v.

FOXE (1570), p. 9v.

⁸⁴ “from violence to sufferance, from fiercenes to forbearing, from pride to humility, from cruelty to compasion.” FOXE (1570), p. 9r.

⁸⁵ “Which vertues, if they have beene in the Church of Rome (according to the rule of S.Paule, which willeth men that be stronger, to beare with the infirmities of the weaker, and that in spriti of meekenes Rom.15,Gal.6) I should not have needed now at this time to write such a long history as this of the suffering of so many Martyrs.” Ibidem.

⁸⁶ “Minha segunda questão é esta: exigir de vós católicos professores da seita do Papa, que tão mortalmente difamam e perseguem os protestantes que professam o Evangelho de Cristo, que razão justa ou razoável tendes vós para supor por isso vosso extremo ódio que nutris por eles?” “My second question is this: to demand of you catholicke professors of the Popes sect, which so deadly maligne and persecute the protestants professing the Gospell of Christ, what just or reasonable cause have you to alledge for this you extreme hatred ye beare unto them?” FOXE (1570), p. 9r.

⁸⁷ “se eles fossem Judeus, Turcos ou Infiéis, ou se em sua doutrina houvesse alguma impiedade Idólatra, ou detestável iniquidade em suas vidas: se eles realizassem qualquer destruição mortal, ou conspirações sigilosas para oprimir vossas vidas, ou por negócios enganosos vos rodeassem, então teríeis alguma causa para reclamar, e também para vingança.” “If they were Jewes, Turkes or Infidels, or in their doctrine were any Idolatrous impietie, or detestable iniquitie in their lives: if they went about any deadly destruction, or privy conspiracies to oprime your lives, or by fraudulent daling to circumvent you, then had you some cause to complain, and also to revenge.” FOXE (1570), p. 9r.

Salvador, compartilhavam da mesma Doutrina Cristã.⁸⁸ Não havia nenhum motivo justificável para que fossem perseguidos tal como os tão conhecidos inimigos da fé. A segunda questão deste prefácio, portanto, é uma tentativa de Foxe de responder a seguinte pergunta: qual é a causa de tanta perseguição dirigida aos protestantes ao longo dos últimos anos?

Foxe apresenta, então, 3 exemplos históricos em que se fez ver o que ele considera a maldade dos papistas. O primeiro exemplo é o episódio da destruição de Merindoll e Cabriers, cidades francesas onde, segundo ele, um celeiro cheio de homens, mulheres e crianças fora incendiado em 1530, por ordem do Bispo de Aix, do Cardeal de Turon e outros bispos franceses.⁸⁹ O segundo exemplo listado por Foxe⁹⁰ refere-se à ação do Papa Gregório IX, que, de acordo com Foxe, teria colocado o Rei Luís em guerra contra os cidadãos de Toulouse e Avinhão e contra Raimundo, seu Conde, sem nenhuma causa justificável, tendo o rei morrido em Siege. O terceiro exemplo⁹¹, finalmente, diz respeito aos anos mais próximos do tempo de Foxe, quando o Duque de Guise (nobre católico e ferrenho opositor da política religiosa de Elizabeth) teria atacado protestantes enquanto estes ouviam, indefesos, a pregação de um sermão, na cidade de Vassy.

Em direta oposição aos exemplos dos papistas, portanto, Foxe apresenta a benevolência do governo de Elizabeth.⁹² Ele contrasta, portanto, a crueldade arbitrária das ações históricas dos papistas com a generosidade do governo pacífico de Elizabeth. Para Foxe, o tratamento recebido pelos papistas sob o governo da monarca protestante em muito superava o tratamento que eles mesmos dispuseram aos protestantes sob seu domínio. Elizabeth parece ser, portanto, a antítese de seus inimigos, o que demonstraria sua superioridade moral enquanto rainha protestante, porém indulgente com os católicos em seu reino.⁹³

Voltando-se, enfim, à pergunta inicial sobre qual seria a causa para tanta perseguição aos protestantes, Foxe conclui com sua própria resposta: “a querela privada do Bispo de Roma.” Para

⁸⁸ Nas palavras de Foxe: “sering they are baptised in the same beliefe, and believe the same articles of the Creede, as ye do: having the same God, the same Christ and Saviour, the same Baptisme, and are ready to conferre with you in all kinde of Christian Doctrine.” Ibidem.

⁸⁹ Todos os 3 exemplos listados por Foxe são sinalizados com notas marginais, sendo o primeiro exemplo indicado pela seguinte nota: “Malice and cruelty of Papists against the Country of Merindoll and Cabriers.” Ibidem.

⁹⁰ E indicado pela nota marginal: “Malice of Papists against the Citizens of Toulouse in France.”

⁹¹ Sinalizado pela nota marginal: “Malice and cruelty of Papists against the Protestants of the Town of Vassy.”

⁹² “[...] Tornemo-nos agora ao pacífico governo neste reino da Inglaterra, sob o qual reina agora nossa graciosa Rainha. Sob quem vedes que misericórdia vos é demonstrada: quão calmamente viveis. O que vos falta, que teríeis, tendo quase os melhores aposentos e cargos em todo o reino, não somente sem nenhuma perda de vossa vida, mas também sem nenhum medo da morte.” “[...] let us turne now to the peaceble government in this realm of England, under this our so gracious Quenne now presently reigning. Under whom you see [...] what mercy is shewed unto you: how quietly ye live. What lacke you, that you would have, having almost the best rowmes and offices in all the realme, not onely without any losse of life, but also without any feare of death.” FOXE (1570), p. 9r.

⁹³ Uma observação se faz necessária. Os três exemplos mencionados por Foxe para evidenciar a crueldade papista são todos ocorridos fora da Inglaterra, mais especificamente em cidades francesas. Além de defender a superioridade pessoal de Elizabeth em relação a seus adversários católicos ao longo da história, Foxe também demonstra uma possível intenção política em tal contraste, que se dá não apenas a um nível pessoal, mas sim nacional. Não se trata somente de provar a superioridade moral da soberana inglesa, mas de demonstrar que a Inglaterra é também superior à França.

Foxe, é contra a Escritura que o Papa busque vingança para suas causas pessoais. Isso seria buscar sua própria glória, o que seria contrário diretamente ao exemplo de Cristo, de quem se suporia que o Bispo de Roma fosse o representante terreno. Contra a Supremacia Papal, portanto, Foxe se coloca a fim de demonstrar que tal doutrina não vem de Deus.⁹⁴

Em ambas as questões, vê-se o esforço de Foxe em demonstrar o senso de realidade com o qual interpretava a perseguição papista aos protestantes. Na associação que faz entre o Monte Sião e a Igreja Militante, ele expõe suas expectativas a respeito de como deveria ser o mundo em que vivia, governado por homens justos e santos. É consciente da atualidade das perseguições que, já na segunda questão, ele também narra os fatos recentes que demonstraram, para ele, a crueldade dos papistas contra os protestantes. Tal senso de realidade se faz ainda mais visível na terceira questão, que se baseia, por sua vez, numa exegese do capítulo 13 do livro de Apocalipse, que, segundo ele, “contém uma história Profética da Igreja: então igualmente obriga-se que por histórias seja aberto.”⁹⁵

Ele afirma: “Diante de tal descrição dessas duas bestas surge minha questão, em que eu espero de todos os Papistas, do maior ao menor, que tanto respondam, ou que considerem consigo mesmos, o que o espírito da profecia pretendia dizer a partir das duas bestas citadas.”⁹⁶ As duas bestas citadas correspondem à visão descrita no livro. A primeira, saída do mar, com 7 cabeças, 10 chifres e 10 diademas de blasfêmia, cuja força fora dada pelo Dragão, o próprio Diabo, pode combater e vencer os Santos de Deus por 42 meses, tendo uma ferida em uma de suas cabeças, que fora posteriormente curada⁹⁷. A segunda, saída da terra, com 2 chifres como um cordeiro e, exercendo o mesmo poder e falando tal qual a figura anterior, fazia que todos os habitantes da terra a adorassem, obrigando-os todos a usarem a marca da besta.⁹⁸

⁹⁴ “[...] eu digo com as Escrituras, que se as ações do Papa fossem plantadas por Deus, ele não lutaria tanto por sua própria glória, como o faz. Mas como ele busca por tanta crueldade e derramamento de sangue exaltar a si mesmo, nós podemos certamente argumentar que seus procedimentos não são de Deus, e que ele será derrotado.” “[...] I say with Scripture, that if the Popes proceedings were planted of God, he would not so wrastle for his glory, as he doth. But forsomuch as he seeketh by such cruelty and bloudshed to exalt himselfe, we may argue his proceedings not to be of God, and that he shall be brought low.” FOXE (1570), p. 9v.

⁹⁵ “Wich booke as it containeth a Propheticall history of the Church: so likewise it requireth by histories to be open.” Ibidem.

⁹⁶ “Upon this description of these two beasts riseth my question, wherein I desire all the Papists, from the highest to the lowest, either to answer, or to consider with themselves, what the spirit of the prophesy meaneth by the sayd two beasts.” Ibidem.

⁹⁷ “In this Chapter mention is made first of a certaine beast comming out of the Sea, havind VII heads and X hornes, with X diademes of blasphemy. Unto the which beast, the dragon the devill gave his strength, and great power to fight against the Saynts and to overcome them, and to make XLii moneths: of the which beast, one of his heads was wounded at lenght to death.” Ibidem.

⁹⁸ “After this immediately in the same Chapter, mention followeth of an other beast, rising out of the land, having two hornes like a lambe, and spake like a dragon, and did all the power of the former beast before his face, and cause all dwellers of the earth to worship the beast: whose head was wounded, and lived. Who also had power to give spirit and life to the sayd former beast, to make the Image of the beast to spake, and to cause all men from the highest to the lowest, to take the marke of the beast in their hands and foreheads, and whosoever whorshipped not the Image of the beast should be killed.” FOXE (1570), p. 9v.

Foxe assinala que “tampouco é tão obscuro o mistério de tal profecia, mas sendo histórico, por meio de histórias poderá ser explicado e facilmente exposto.”⁹⁹ Assim, ele demonstrareconhecer a historicidade da profecia a ser interpretada. Tal historicidade passa a ser, portanto, a justificativa para que o texto seja por ele abordado de uma maneira, além de escatológica, também e principalmente histórica. Para ele, não se trata apenas de uma profecia bíblica, cuja importância se reduz apenas a sua mensagem devocional e escatológica, porém sim de um texto cujo conteúdo permanece - historicamente - relevante em seu próprio tempo.

A descrição das duas bestas no capítulo 13 de Apocalipse tem, para Foxe, relevância e pertinência históricas, e, portanto, deveria ser interpretada e facilmente explicada por meio de histórias. O valor didático de uma abordagem histórica da profecia se faz ver no esforço, por parte de Foxe, de provar a seus adversários que a própria história testifica a favor dele e de sua causa protestante. Foxe aparenta crer que, assim, tem na história a maior das aliadas em seu empenho por anunciar as injustiças cometidas pela Igreja de Roma.

Foxe espera, então, que os papistas apontem a quem as duas bestas apocalípticas se referem:

“escrevendo, portanto, aos Papistas, como homens especialistas nessas histórias, minha questão é: se, ao ver que a profecia de tais bestas deve necessariamente prefigurar algum povo ou domínio neste mundo [...]: eles agora nos irão declarar, que povo ou domínio poderia ser.”¹⁰⁰ FOXE (1570), p. 9v.

E, para ele, era inevitável que tal domínio fosse a Cidade e o Império de Roma, verdade essa que, “de acordo com as marcas e propriedades das citadas duas bestas aqui apresentadas, eles precisam ser levados por inevitável força [...] a confessar.”¹⁰¹ Foxe não via outra possibilidade para a referência às duas bestas; a única conclusão lógica seria a de aludirem a Roma, e nada mais. Para ele, a besta saída do mar corresponde, certamente, ao Império Romano: suas cabeças são os montes da cidade; e seus chifres, os reinos por ela dominados.¹⁰²

Mas ele aponta ainda duas outras referências, relativas mais especificamente à história da perseguição romana aos primeiros cristãos. Onde se diz que a besta teve poder para agir 42 meses e lutar contra os Santos, diz Foxe, “assim mais manifestamente se declara o Império de Roma, com

⁹⁹ “Neither is the mystery of this prophesy so obscure, but being historicall, by histories it may be explained and easily expunded.” Ibidem.

¹⁰⁰ “Writing therefore to the Papists, as men expert in these histories, my question is this: if, at seeing the prophesy of these two beasts must needes prefigure some people or dominion in the world [...]: they will now declare unto us, what people or domination this should be.” Ibidem.

¹⁰¹ “According to the marks and properties of the sayd two beasts here set forth, they must needes be driven of force inevitable to [...] confesse.” Ibidem.

¹⁰² Para justificar seu tom resolutivo, ele recorre a uma explicação marcada de exemplos históricos. Assim, ele destaca que as sete cabeças da primeira besta são também uma referência à Cidade de Roma: “Secondly, in that the beast had VII heads, and X hornes, with X diademes full of blasphemy upon them: those VII heads being expounded in the sayd book, cap.17, for VII hilles, notoriously importeth the Citie of Rome, wherein were 7.hilles contayned. The like also may be thought of the X hornes being there expounded for X kings (signifying belike the X Provinces or Kingdomes of the world subdued to the Romayne Empire.” FOXE (1570), p. 9v.

seus Imperadores gentios e perseguidores, que tiveram poder durante tantos meses, (isto é, de Tibério a Licínio 294 anos) para perseguir a Igreja de Cristo.”¹⁰³ E, finalmente, onde se fala sobre a ferida em uma das cabeças da besta saída do mar (que fora logo curada), Foxe afirma,

“por isso deveis entender a queda e subversão da Cidade de Roma e da Itália, que sendo uma das cabeças da Monarquia Romana, fora subjugada pelos Godos, Vândalos, e Lombardos, e a Cidade de Roma [fora] saqueada e tomada entre o reinado de Honório Imperador de Roma, e o tempo de Justiniano Imperador de Constantinopla, e assim permaneceu ferida esta cabeça de Roma por um bom tempo sob domínio dos Lombardos, até finalmente ser curada de novo.”¹⁰⁴ FOXE (1570), p. 9v.

Foxe, tendo encaminhado seu leitor à conclusão de que a primeira besta é uma clara e irrefutável referência ao Império Romano, passa a tratar da segunda besta, que, afirma ele, “não pode ser ignorada, mas deve necessariamente ser aplicada ao Bispo de Roma e a nenhum outro: como pela história e pela ordem dos tempos evidentemente será provado.”¹⁰⁵ A história, aqui, é acolhida por Foxe de modo que sirva como prova da verdade de suas afirmações. Ele demonstra esperar que seus exemplos, retirados da “ordem dos tempos”, falem por si mesmos, que auxiliem seu leitor a chegar à aparentemente indubitável conclusão de que a segunda besta prefigura, afinal, o Papa.

Foxe caracteriza o Bispo de Roma como um verdadeiro usurpador da glória de Cristo. Ostentando chifres tais quais de cordeiro, ele pretende agir como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo¹⁰⁶, e em sua voz vê-se orgulho tal qual na voz do Dragão. O Papa é, portanto, o falso Cordeiro, e a primazia papal é aqui condenada, por Foxe, por ser a materialização da segunda besta do Apocalipse.¹⁰⁷

¹⁰³ “Thirdly, where the sayd beast had power to make 42 months and to fight against the Saintes, and to overcome them, thereby most manifestly is declared the Empyre of Rome, with the heathen persecuting Emperours, which had power given the space of so many months, (that is, from Tiberius to Licinius 294 yeares) to persecute Christes Church.” Ibidem.

¹⁰⁴ “by that ye have to understand the decay and subversion of the City of Rome and of Italy, which being one of the heads of the Romaine Monarchie, was subdued by the Gothes, Vandals, and Lombards, and the City of Rome [...] sacked and taken betweene the reign of Honourious Emperour of Rome, and the time of Justinian Emperour of Constantinople, and so remayned this head of Rome wounded a long time under the dominion of the Lombards, till at length this wound was cured againe.” FOXE (1570), p. 9v.

¹⁰⁵ “it cannot be avoided, but must needes be applyed to the Bishop of Rome and to none other: as by the history and order of times is evident to be proved.” Ibidem.

¹⁰⁶ “For who else representeth the hornes of the lambe of God which taketh away the sinnes of the world, but only he?” Ibidem.

¹⁰⁷ A partir de tal constatação, Foxe delinea uma série de argumentos que justificam sua alegação de que o Papa é, de fato, a segunda besta, saída da terra. Segundo ele, a própria queda do Império Romano e a subsequente dominação lombarda na Itália seriam fatores determinantes da manifestação histórica da profecia, de modo que o Papa teria “incitado Pepino e Carlos Magno, para com ele se oporem aos Lombardos, e para restaurarem novamente a glória da antiga Monarquia ao seu estado original.” Foxe afirma: “Furthermore, at what time the declining state of Rome began to decay, and Italy was brought under subjection of the Lombards, then the Pope stirred up Pepinus and Carlous Magnus, to take his part against the Lombards, and to restore againe the old glory of that Monarchie to his former state.” FOXE (1596 a), p. 23v.

Em sua quarta questão, Foxe conclui seu debate com um novo tópico: “Eu proponho minha questão a fim de perguntar-vos, se a religião de Cristo é meramente espiritual, ou corporal?”¹⁰⁸ Aqui tem-se um resumo de sua visão a respeito da natureza da verdadeira religião cristã, em que ele exprime todo o seu fervor na defesa de vários pontos da teologia protestante, mais especificamente no que concerne à eclesiologia (relativa à organização da igreja) e à soteriologia (doutrina da salvação). Numa crítica aos excessos ritualísticos da espiritualidade católica, Foxe se esforça em defender sua crença na doutrina protestante da justificação somente pela fé, na suficiência dos sacramentos¹⁰⁹ da ceia e do batismo e, principalmente, na natureza necessariamente espiritual da verdadeira Igreja de Cristo.

O ponto central de Foxe é que a natureza da religião cristã, retratada nas Escrituras, é espiritual: “se nosso Deus, a quem servimos, é espiritual, como pode sua religião e serviços serem corporais, como somos ensinados pela boca de nosso Salvador, dizendo: Deus é espírito, e portanto aqueles que o adoram, devem adorá-lo em espírito e em verdade. João 4”¹¹⁰ Em oposição àquela que Foxe julga ser uma religiosidade corpórea e carnal (a “religião dos Judeus”), louvada pelos católicos, encontra-se a religião verdadeira, a de Cristo, alicerçada nas Escrituras e, principalmente, espiritual. Esse contraste é o que sustenta toda a argumentação de Foxe ao longo de sua questão. Onde reside, pergunta ele, a necessidade de tantos ritos e cerimônias que não apontam para nenhum objetivo espiritual?

Para Foxe, a carnalidade dos rituais e sacramentos católicos não pode ser compatível com a simplicidade do Evangelho contido nas Escrituras. Os ritos católicos seriam, para ele, exercícios meramente corpóreos, sem relevância ou significado espiritual, sem respaldo escriturístico e sem valor diante de Deus. Eram apenas dois os sacramentos verdadeiramente apontados nas Escrituras: a

¹⁰⁸ “I turne my question to aske this of you: whether the religion of Christ be meere spirituall, or else corporall?” FOXE (1570), p.10r.

¹⁰⁹ Embora a suficiência do batismo e da ceia enquanto únicos sacramentos bíblicamente ordenados tenham-se tornado um consenso da teologia protestante, foram intensas as controvérsias em torno desse assunto para os protestantes ingleses, principalmente quanto aos limites da “presença real” do Corpo de Cristo no elemento do pão. Competiam pela hegemonia a ideia romanista da presença real e a interpretação zwingliana, consolidada em Zurique, da função memorial do pão e vinho. A ambiguidade inglesa quanto a esse assunto se estendeu até o governo de Elizabeth, é o que afirma Diarmaid MacCulloch: “the 1552 Communion Service was modified in the new Prayer Book to add the words of administration in the 1549 book to the 1552 words: so when a communicant received the communion bread, he or she would hear the words 'The body of our Lord Jesus Christ, which was given for thee, preserve thy body and soul unto everlasting life (1549). Take and eat this in remembrance that Christ died for thee, and feed on him in thy heart by faith with thanksgiving' (1552). The administration words for the wine had a similar combination of formulae, suggesting on the one hand a real presence to conservatives and on the other the idea of communion as memorial only, in the theological style of Zurich. Placing this ambiguity at the moment when a communicant was likely to be most attentive to what was happening was a masterpiece of theological engineering.” MACCULLOCH (1990), p.30.

¹¹⁰ “if our God, whome we serve, be spirituall, how can his religion and service be corporall, as we are taught by the mouth of our Saviour, saying: God is a spirit, and therefore they that worship him, must worship in spirit and verity, Joan 4.” FOXE (1570), p.10r.

Ceia e o Batismo. E, segundo ele, de nenhum deles era possível esperar que se obtivesse a remissão de pecados, porquanto eram apenas “amostras visíveis de benefícios invisíveis e espirituais.”¹¹¹

Foxe continua a defender que a salvação de um cristão não consiste em cerimônias ou sacramentos, mas sim em dons espirituais. A fé em Jesus Cristo seria, então, a única maneira de obter salvação e somente através dela seria possível que pecados fossem perdoados, que a ira de Deus fosse satisfeita e que o homem fosse plenamente justificado de qualquer acusação. Foxe tenta reforçar, assim, que tais frutos espirituais só podem ser gerados de uma fé alinhada a uma religião igualmente espiritual. A religiosidade romanista era sinônimo, para ele, de falta de genuína santificação e, portanto, de ausência da ação divina, da qual uma fé morta e carnal não poderia proceder.¹¹²

No *Four Questions to the Papists*, portanto, Foxe expõe sua crença na incompatibilidade última entre a teologia romanista e as Escrituras, de modo que a perseguição papista aos protestantes só poderia ser interpretada como sinal da impiedade dos propósitos do Bispo de Roma, que, ao longo da história da tradição cristã, constantemente teria se colocado como verdadeiro inimigo de Cristo. A história para Foxe, portanto, seria o meio pelo qual ele poderia comprovar a corruptibilidade do sistema romanista, a fim de que brilhassem os verdadeiros filhos de Deus, os eleitos para a salvação pela fé. Assim, o tom crítico e desafiador das afirmações de Foxe nos permite compreender que sua obra:

“não apenas relacionava as lutas e conquistas da Igreja Inglesa aos sofrimentos da verdadeira Igreja em qualquer época, mas também não hesitava em dar nomes àqueles que apenas poucos anos antes haviam cooperado na morte de Protestantes, muitos dos quais ainda ocupavam posições proeminentes: uma potencial fonte de tensão em áreas com vívidas memórias do que havia acontecido.”¹¹³ MACCULLOCH (1990), p.36.

¹¹¹ “but onely are visible shewes of invisible and spirituall benefits.” FOXE (1570), p.10r.

¹¹² Portanto, Foxe afirma haver uma antítese entre um cristão verdadeiro e aquele sujeito à religião de Roma: “agora confirmam juntas tais antíteses, e vejam quais destes é o cristão mais verdadeiro, o homem cerimonial sob a Igreja de Roma, ou o homem espiritual com sua fé seguida dos demais frutos espirituais de piedade. E se vós dizeis que juntaram-nas, coisas espirituais com as vossas cerimônias corporais, a isso eu respondo novamente, que em se tratando da remissão de pecados, e salvação, elas não devem em nenhum caso ser colocadas juntas, porque a verdadeira causa de toda a nossa salvação e remissão, é unicamente espiritual, e consiste em fé, e em nada mais.” “Now conferre these Antitheses together, and see whether of these is the truer Christian, the ceremoniall man after the Church of Rome, or the spirituall man with his faith and other spirituall fruites of pietie following after the same. And if ye say that ye mixt them both together, spirituall things with your corporal ceremonies, to that I answere agayne, that as touching the end of remission of sinnes, and salvation, they ought in no case to be joyned together, because the meane cause of all our salvation and remission, is onely spirituall, and consisteth in faith, and in no other.” FOXE (1570), p.10r.

¹¹³ “Fuxe’s work not only related the struggles and achievements of the English Church to sufferings of the true Church in every age, but also had no hesitation in naming the names of those who only a few years before had co-operated in burning Protestants, many of whom were still in prominent positions: a potent source of tension in areas with vivid memories of what had happened.” MACCULLOCH (1990), p.36.

Para Foxe, a história era viva. A relação que ele preza por estabelecer, entre os primeiros mártires da Era Cristã e os protestantes perseguidos na Inglaterra anos antes da publicação de seu livro, revela sua crença em um senso de continuidade da história cristã no mundo, da qual seu próprio livro era um importante integrante. E é no *Four Questions to the Papists* que esse senso de continuidade se faz ainda mais visível na argumentação de Foxe, que não poupa esforços na tentativa de evidenciar, citando nomes e eventos recentes a ele, a corrupção do sistema romanista e, em contraste, a pureza da teologia protestante defendida pelos mártires ingleses, herdeiros das raízes do cristianismo verdadeiro apresentado nas Escrituras e no início da Igreja primitiva.

Constituindo-se por um debate teológico proposto em 4 questões, vê-se a partir do *Four Questions to the Papists* que Foxe esperava que seus adversários, destinatários do prefácio, refutassem seus argumentos; e ele demonstra ver-se como capaz de oferecer as melhores respostas.¹¹⁴ Além disso, Foxe aposta na história, que ele julga ser irrefutável, como a grande aliada em sua empreitada exegética, quando interpreta os textos bíblicos de Isaías e Apocalipse; e apologética, quando os utiliza como prova contra os papistas. É por meio dela que, na primeira questão, ele afirma ser o Monte Sião uma referência à Igreja Militante; é com eventos históricos que ele expõe, na segunda questão, a impiedade dos papistas em suas perseguições; é pela história do Império Romano que ele o associa à primeira besta do Apocalipse; e, finalmente, é por exemplos retirados da história da Igreja que ele se vê certo em comparar a segunda besta ao Papa, em sua terceira questão. E, depois de tais considerações, na quarta questão, Foxe finaliza seu prefácio comparando a espiritualidade da verdadeira igreja com a carnalidade dos papistas, que ele crê ter demonstrado nas questões anteriores. A história é utilizada por Foxe, assim, como o principal instrumento de desqualificação de seus adversários.

O *Four Questions to the Papists* foi publicado a partir da segunda edição do Livro dos Mártires, em 1570. É também a partir dessa mesma edição que o *Preface to the Persecutors* é retirado, definitivamente, do Livro dos Mártires. Tal prefácio sustenta algumas semelhanças com o *Four*

¹¹⁴ Na edição de 1596, Foxe conclui o *Four Questions to the Papists* com uma indicação para que seu leitor localize certo texto, “virando a primeira folha deste livro” (“In turning over the first leafe of this booke, which is page 2. col. 2. and in the beggining of the same colume, thou shalt finde gentle Reader, the argument of Pighius and Dosius, wherein thus they argue: That forsomuch as Chirst must needes have a catholicke Church ever continuuing here in earth, which all men may see, and whereunto all men ought to resort: and seeing no other Church hath endured continually from the Apostles, visible heere in earth, but only the Church of Rome: they conclude therefore the church onely of Rome to be the Catholicke Church of Christ.”). Nesse texto, ele alega refutar a afirmação de que seria a Igreja de Roma a única igreja visível e restante desde os tempos dos Apóstolos. Ele afirma, então, que a verdadeira Igreja de Cristo não é a romana, e não seria visível e conhecida por todos, mas apenas aos eleitos, portadores de olhos espirituais. O mundo não poderia enxergá-la: “Pois a verdadeira Igreja de Cristo nem é tão visível, que todo olho possa vê-la, mas somente aqueles que têm olhos espirituais, e que dela são membros: nem é novamente tão invisível, mas os eleitos de Deus e membros dela, veem-na e a têm visto, embora os olhos mundanos da maioria da multidão não possa fazê-lo.” “For the true Church of Christ neither is so visible, that all the world can see it, but onely they which have spirituall eyes, and be members thereof: nor yet so invisible againe, but such as be Gods elect, and members thereof, does see it and have seene it, though the worldly eyes of the most multitude cannot so doe.” FOXE (1596), p.24r.

Questions to the Papists, dentre as quais seus destinatários: os “Perseguidores da verdade de Deus”¹¹⁵, em 1563; os “Católicos, comumente chamados Papistas”, em 1570. Além disso, ambos expõem a acidez argumentativa que caracterizava a escrita de Foxe, bem como sua disposição em comprovar os erros dos adversários a quem se dirige.

Mas o que torna relevante a relação entre tais prefácios é, justamente, o que os diferencia. O *Preface to the Persecutors*, publicado em 1563, nos apresenta um intuito de exortação da parte de Foxe, que espera que seus adversários católicos, comprovadamente perseguidores dos verdadeiros cristãos, se arrependam ou, em caso de relutância, sejam devidamente punidos. Seu intuito reside majoritariamente na exposição dos crimes dos papistas, a fim de que, diante da irrefutabilidade das provas apresentadas, eles sejam envergonhados diante do próprio Deus no Dia do Juízo.

No *Four Questions to the Papists*, entretanto, Foxe se apresenta com uma postura marcadamente mais provocativa, expressa através de uma proposta de debate teológico a que ele convoca os papistas. Pode-se observar uma certa expectativa de correspondência da parte de Foxe, que escreve de forma a conferir a seus leitores papistas, possíveis e futuros correspondentes, argumentos claros que tornassem quase impossível sua desqualificação.

Portanto, faz-se necessária uma observação. O próprio fato de ambos serem prefácios e, logo, supor-se que estejam no livro para apresentá-lo ao leitor, mostra, de certa forma, que Foxe não ignorava a variedade composicional de seu público. Tal diversidade da composição do público leitor de Foxe também diz respeito ao fato de que o acesso a conteúdos impressos, por parte do público protestante, se dava, em parte, graças à disseminação da cultura oral. Como afirma Peter Burke, “os artesãos e camponeses protestantes muitas vezes devem ter recebido o conhecimento que tinham da Bíblia oralmente ou de segunda mão” (BURKE (1989, p.247). Afinal, a cultura popular protestante¹¹⁶ desenvolveu-se, principalmente, pela mistura entre material impresso e oralidade. Sermões e salmos poderiam ser impressos, lidos ou ouvidos, de modo que o protestantismo seria não apenas uma religião do livro, mas também dos hinos e salmos cantados.¹¹⁷

¹¹⁵ “Persecutors of Gods truth.” FOXE (1563), p.11r.

¹¹⁶ Termo usado pelo próprio Peter Burke, que, no prólogo de seu livro, define cultura como “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados [...] Quanto à cultura popular, talvez seja melhor defini-la negativamente como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das classes subalternas, como chamou-as Gramsci. No caso dos inícios da Europa Moderna, a não-elite era todo um conjunto de grupos sociais mais ou menos definidos, entre os quais destacavam-se os artesãos e os camponeses (ou povo comum) para sintetizar o conjunto da não-elite, incluindo mulheres, crianças, pastores, marinheiros, mendigos e os demais grupos sociais [...]” BURKE (1989), p.15.

¹¹⁷ Como afirma Peter Burke, “o que os protestantes comuns provavelmente mais conheciam eram os salmos, pois podiam ser cantados e ocupavam um papel importante nas liturgias reformadas. O hino mais famoso de Lutero, *Ein’ feste Burg ist unser Gott* (‘Nosso Deus é uma fortaleza’), é de fato uma adaptação do salmo 46, ‘Deus é nosso refúgio e força’. A versão inglesa padronizada dos salmos, ‘Sternhold e Hopkins’, teve quase trezentas edições entre meados do século XVI e meados do século XVII [...] Sem dúvida os salmos deveram parte de sua popularidade à identificação de muitos protestantes com o povo de Israel, empenhados numa guerra santa contra os idólatras.” BURKE (1989), p.247.

A atenção direcionada de Foxe ao grupo dos papistas revela uma consciência, ou talvez uma expectativa, de que seu livro seria lido por leitores dos mais variados,¹¹⁸ e, à vista disso, convinha considerar a necessidade de dirigir-se a um dos grupos mais importantes, o dos opositores católicos. Tais destinatários, portanto, já estariam, ao ler tais prefácios, em uma posição de desvantagem: de acordo com o *Preface to the Persecutors*, eles deveriam se retratar por seus crimes; no *Four Questions to the Papists*, deveriam responder às críticas diretas de Foxe.

Dessa forma, pode-se observar que Foxe demonstra ter objetivos diferentes ao escrever o *Preface to the Persecutors* e o *Four Questions to the Papists*. No primeiro, ele aparenta querer exortar os papistas; no segundo, seu intuito é desafiá-los. O primeiro é publicado na primeira edição do Livro dos Mártires, depois da qual é retirado; o segundo, por sua vez, é publicado na segunda edição e permanece integrando o livro pelas edições subsequentes. Tais considerações, relativas tanto ao conteúdo de cada prefácio quanto às suas datas de publicação, são importantes na medida em que as variações entre os prefácios são observadas tendo em vista sua relação com as edições em que se encontram.

Ora, a segunda edição do Livro dos Mártires, publicada em 1570, foi o resultado de um esforço conjunto de Foxe e seu impressor John Day na tentativa de incrementar o conteúdo do livro, tendo, assim, a “já massiva coleção dobrado de tamanho em resposta às acusações católicas acerca da falsificação de documentos e da pretensa novidade do Protestantismo” (KING, 2006, p. 92).¹¹⁹ Não foi apenas pelo aumento de páginas e documentos que a edição de 1570 se diferenciou de sua antecessora: o paratexto foi um instrumento fundamental para isso. Deve-se reconhecer, então, que o acréscimo de documentos e a expansão mais que considerável do volume do livro não ocorreram desassociados de alterações paratextuais.¹²⁰

Tem-se, por fim, no *Preface to the Persecutors*, publicado apenas na primeira edição, em 1563, o objetivo de Foxe voltado a uma forma de exortação de seus inimigos, a fim de que se arrependessem e se retratassem pelos crimes cometidos contra os protestantes. Nesse prefácio, Foxe insiste em apresentar seu livro como prova escatológica contra os papistas, como testemunho divinamente inspirado das atrocidades por eles cometidas. O Livro dos Mártires, no *Preface to the Persecutors*, é,

¹¹⁸ Embora, como afirma Ian Green, a Inglaterra moderna não fosse uma sociedade inteiramente oral nem completamente letrada, de modo que muitos, e mais numerosos que em tempos anteriores, eram os leitores de textos impressos; milhões também mantinham contato com a cultura impressa sem sem que fossem letrados, por meio da audiência de passagens lidas do Book of Common Prayer, pelo ouvir de trechos de catecismos declamados, etc. “The act of reading also varied according to time and place— study, bedchamber, field—and milieu—school, church, study group—and normal habit, which sometimes included methods such as reading aloud in pairs or groups that have all but disappeared today.” GREEN (2001), p.25.

¹¹⁹ “The second edition of this already massive collection doubled in size in response to Roman-Catholic charges concerning falsification of documents and the alleged novelty of Protestantism.” KING (2006), p.92.

¹²⁰ “At the same time, Foxe and Day embarked upon the excision of considerable amounts of Latin text in a manner that corresponded to the enhancement of navigational aids and other forms of paratext geared to the needs of vernacular readers.” Ibidem.

desta forma, apresentado de modo que se pudesse considerá-lo como fruto da iniciativa do próprio Deus para a divulgação dos crimes papistas e sua futura punição, no Dia do Juízo. São enfatizadas as qualidades materiais do livro, a veracidade e originalidade dos documentos nele compilados. Isto posto, o Livro dos Mártires é apresentado de modo que sua irrefutabilidade fosse indiscutível.

Entretanto, as críticas católicas à primeira edição, quanto à falsificação de documentos e aos exageros narrativos de Foxe, mostraram que parte de seus leitores católicos não havia sido convencida de tal irrefutabilidade. Em resposta a tais acusações, Foxe incrementa o livro na edição seguinte, retirando o *Preface to the Persecutors*, que tanto enfatizava a originalidade e veracidade do Livro dos Mártires, e acrescenta um novo prefácio dirigido aos católicos. No *Four Questions to the Papists*, contudo, observa-se que Foxe opta por modificar sua linha de argumentação ao se dirigir aos papistas, propondo então um debate teológico em quatro questões, voltadas à escatologia, eclesiologia e soteriologia.

O apreço pelas qualidades materiais e discursivas do Livro dos Mártires, objeto do primeiro prefácio e intensamente criticadas após sua publicação, vê-se substituído, assim, pela ênfase na discussão de argumentos estritamente teológicos, que sequer constituíam o tema central do livro. Pode-se dizer que, talvez, Foxe estivesse evitando insistir, como antes, na propriedade escatológica do livro enquanto obra literária, direcionando a atenção de seus opositores, em vez disso, para o campo teológico, esquivando-se da obrigação de defender seriamente a confiabilidade de sua documentação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os prefácios do Livro dos Mártires nos dão acesso a um conjunto de expectativas e inclinações de Foxe a respeito de seu livro, permitindo-nos compreender, sob novas perspectivas, as estratégias por ele utilizadas para que o livro se fizesse um projeto teológico, cuja qualidade deveria ser reconhecida por todos, católicos e protestantes. Da história dos mártires, fossem os da Igreja primitiva ou os da Inglaterra do século XVI, esperava-se que todos tirassem proveito: os protestantes, verdadeiros cristãos, frutos de enriquecimento moral; os papistas, arrependimento e punição.

Tais expectativas, preferências, recomendações e avisos encontravam-se nos prefácios do livro, como instrumentos úteis a uma boa leitura, ou seja, à leitura que Foxe esperava que se fizesse de seu livro. A influência discursiva de Foxe sobre seu público era operada pelos prefácios, e a recepção do texto principal parecia depender consideravelmente de seu êxito em convencer o leitor da grandiosidade da obra que tinha diante de si.

Essa funcionalidade, atribuída aos prefácios, se faz mais visível naquele destinado a apresentar ao leitor a utilidade do Livro dos Mártires, o *Utility of this Story*. Mantido em todas as edições do livro, é nele que Foxe apresenta seu principal receio diante de sua obra: não corresponder à grandeza do livro que se dedicava a escrever. Apesar de sua insegurança, ele estava certo da nobreza da história que tinha diante de si, e, dessa forma, se empenha em, por meio desse prefácio, esclarecer sua relevância ao leitor. Além disso, no *Utility of this Story* Foxe também informa ao leitor que o maior fruto a ser obtido por meio da leitura da história dos mártires, contida em seu livro, seria o enriquecimento moral, uma preparação para futuras perseguições religiosas, que, ainda no reinado de Elizabeth, não deixavam de ser temidas.

A grandiosidade da história dos mártires, aos olhos de Foxe, não deixava de associar-se, por sua vez, à injustiça e crueldade com que eles haviam sido perseguidos e assassinados ao longo da história. Os papistas, adversários históricos da verdadeira fé, para ele, deveriam ser responsabilizados por seus atos; e tal punição seria realizada pelo próprio Deus, que teria inspirado até mesmo a publicação do Livro dos Mártires, a fim de que seus crimes viessem à luz. No *Preface to the Persecutors*, prefácio publicado na primeira edição do Livro dos Mártires, Foxe se dirige a seus adversários papistas, responsabilizando-os pelas mortes dos mártires, com o duplo intuito de exortá-los e, simultaneamente, apontar a eles a iminente punição de seus crimes.

A certeza da providência divina em sua empreitada é o que motiva Foxe a dirigir-se a seus adversários de modo ousado e desimpedido, de modo que fique claro que seu livro seria a prova cabal contra eles até mesmo no Dia do Juízo. A publicação dos crimes papistas se fazia necessária, afinal, para que houvesse arrependimento e justa punição. Foxe, dessa maneira, localiza historicamente seu

Livro dos Mártires como obra divinamente inspirada e testemunha escatológica da impiedade dos perseguidores, além de prestar à palavra impressa considerável homenagem.

Viu-se que o tom resolutivo de Foxe, ao engrandecer sua obra como prova contra os papistas, não se manteve na edição seguinte. Em 1570, é publicada a segunda edição do Livro dos Mártires, e com ela um novo prefácio destinado aos papistas: o *Four Questions to the Papists*. Nesse prefácio, Foxe não mais argumenta necessariamente em favor da qualidade escatológica de sua obra, mas propõe um debate estritamente teológico acerca dos aspectos que tanto distinguiam, em pleno século XVI, católicos e protestantes. O passado, e não mais o futuro, seria o novo aliado de Foxe em sua luta contra os papistas, já que é recorrendo à história que ele constrói vários de seus argumentos teológicos contra seus adversários.

Essa mudança de rumos operada por Foxe de um prefácio a outro — e, também, de uma edição a outra —, pode ser associada, em certa medida, à repercussão negativa da primeira edição do Livro dos Mártires para alguns leitores católicos, que o acusaram de conter inúmeras falsificações e exageros. A esses ataques e críticas, Foxe pode ter optado por publicar um prefácio cujo foco não mais residisse na qualidade documental e divina do livro, mas que propusesse um debate teológico a partir do qual os erros teológicos dos papistas fossem exibidos.

Tais conclusões, expostas ao longo da pesquisa, não teriam sido possíveis sem que se considerasse a importância do paratexto para a construção do projeto teológico que Foxe cria ser o Livro dos Mártires. Os prefácios, espaço privilegiado de influência do autor sobre seus leitores, foram aqui analisados tendo em vista os objetivos que o próprio Foxe dizia ter em relação a eles, o que não impedia que fossem resultado também de imposições externas, como críticas negativas, no caso da primeira edição. O que se pode perceber, assim, é que o paratexto exerce fundamental papel no conjunto de expectativas construídas em torno de uma obra, sustentadas seja por autores, seja por leitores.

A análise dos prefácios, publicados e alterados ao longo das edições do Livro dos Mártires, pode contribuir à compreensão do livro enquanto projeto teológico na medida em que possibilita o discernimento das expectativas geradas em torno dele e, principalmente, das estratégias adotadas para responder a elas. Ademais, não se pode deixar de mencionar sua relação com a variedade editorial que caracterizou o Livro dos Mártires e consagrou-o como ícone da cultura impressa na Inglaterra moderna. Isso porque as alterações efetuadas em cada edição se associam, também, à capacidade de Foxe e de seu editor John Day de manterem o livro atualizado.

Dessa forma, pode-se dizer que os prefácios analisados na pesquisa, tanto por sua permanência quanto por suas alterações, foram importantes para que se compreendesse o modo como o Livro dos Mártires era apresentado a seu público e àqueles a quem Foxe dirigia sua hostilidade. O *Utility of this Story*, tendo sido mantido em todas as edições da obra, nos mostra de que forma a utilidade e o

proveito da leitura do livro se faziam importantes ferramentas persuasivas para que o leitor o consumisse da maneira correta, ou seja, da maneira esperada por Foxe. O Preface to the Persecutors e o Four Questions to the Papists, por sua vez, evidenciaram uma relação importante entre as alterações editoriais do livro e as demandas externas que podem tê-las influenciado.

FONTES PRIMÁRIAS

1. Edição de 1563:

Actes and monuments of these and perillous dayes touching matters of the Church, wherein ar comprehended and decribed the great persecutions[and] horrible troubles, that haue bene wrought and practised by the Romishe prelates, specialle in this realme of England and Scotlande, from the yeare of ourLorde a thousande, vnto the tyme nowe present. Gathered and collected according to the true copies [and] wrytinges certificatorie, as wel of the parties themselues that suffered, as also out of the bishops registers, which wer the doers therof, by IohnFoxe. Imprinted at London: By IohnDay, dwellyng ouer Aldersgate. Cum priuilegio Regi[a]e Maiestatis, [1563 (20 March)]

2. Edição de 1570:

The first volume of the ecclesiasticall history contaynyng the actes and monumentes of thynges passed in euery kynges tyme in this realme, especially in the Church of England principally to be noted: with a full discourse of such persecutions, horrible troubles, the sufferyng of martyrs, and other thinges incident, touchyng as wel the sayd Church of England as also Scotland, and all otherforeinenations, from the primitiue tyme till the reigne of K. Henry VIII. At London :Printed by Iohn Daye, dwellyng ouer Aldersgate, these bookes are to be sold at hys shop vnder the gate, 1570.

3. Edição de 1596:

Actes and monuments of matters most speciall and memorable, happening in the Church with an vniuersall history of the same. Wherein is set forth at large the whole race and course of the Church, from the primitiue age to these latter times of ours, with the bloody times, horrible troubles, and great persecutions against the true martyrs of Christ, sought and wrought as well by heathen emperours, as now lately practised by Romish prelates, especially in this realme of England and Scotland. Now againe, as it was recognised, perused, and recommended to the studious reader by the author Maister IohnFoxe, the fift time newly imprinted. Anno. 1596. Mens. Iun. At London: Printed by Peter Short, dwelling on Breadstreete hill at the signe of the Starre, by the assigne of R. Day, [1596 (June)]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELL, Maureen. Mise-en-page, illustration, expressive form. Introduction. In: BARNARD, John; McKENZIE, D.F. *The Cambridge History of the Book in Britain. Volume IV: 1557-1695*. Cambridge University Press, 2008. cap.31.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CAMBERS, Andrew. Reader's marks and religious practice. In: KING, John. *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap.10. p.211-231.
- COLLINSON, Patrick. English Reformations. In: HATTAWAY, Michael. *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Blackwell Publishers Ltd, 2003.
- EVENDEN, Elizabeth. Closing the books: the problematic printing of John Foxe's histories of Henry VII and Henry VIII in his Book of Martyrs (1570). In: KING, J.N. *Tudor Books and Readers, Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap.4, p.68-91.
- GENETTE, Gerard. *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Traduzido por Jane E. Lewin. Publicado em inglês pelo Sindicato de Imprensa da Universidade de Cambridge, em 1997. Originalmente publicado em francês como "Seuils" por Editions du Seuil, 1987.
- GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. Oxford University Press, 2001.
- GUNTHER, Karl. *Reformation Unbound. Protestant Visions of Reform in England: 1525-1590*. Cambridge University Press, 2014.
- JONES, M. The English Print, c.1550–c.1650. In: HATTAWAY, M. *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Estados Unidos: Blackwell Publishers, 2003.
- KING, John. *Foxe's Book of Martyrs and Early Modern Print Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KING, John. *Foxe's Book of Martyrs: Selected Narratives*. Oxford University Press, 2009
- KING, John. Reading the woodcuts in John Foxe's Book of Martyrs. In: _____ *Tudor Books and Readers. Materiality and the Construction of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. cap.9, p.191-231
- LINDBERG, Carter. *The European Reformations*. 2 ed. Estados Unidos: Wiley-Blackwell, 2010.
- MACCULLOCH, Diarmaid. *The Later Reformation in England: 1547-1603*. Estados Unidos: Macmillan Education, 1990.
- MACCULLOCH, Diarmaid. *The Reformation: a History*. Estados Unidos: Penguin Books, 2005.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977.

SMITH, Helen. 'Rare poems ask rare friends': Popularity and Collecting in Elizabethan England.
In: KESSON, A; SMITH, E. *The Elizabethan Top Ten, Defining Print Popularity in Early Modern England*. Ashgate, 2013. cap.3, p.79-89.

ANEXO

Elemento/Ano	1563	1570	1576	1583	1596	1610	1632	1641	1684
Preface to the Queen	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Preface to the Persecutors	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Protestation to the Church	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Utility of this story	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Four questions to Papistes	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Four considerations to Protestants	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM
To the Reader	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
In martyr logium	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	TALVEZ	SIM	SIM	SIM
Contra papistas incendiários	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	TALVEZ	TALVEZ	SIM	SIM
In idem argumentum	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	TALVEZ	SIM	SIM
Kalender	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Almanacke	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ
Names of the authors	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ
Names of the martyrs	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ
Table of numbers	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ	SIM	TALVEZ
Table of X first persecutions	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	TALVEZ	TALVEZ
Table of tables	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ	SIM	SIM	SIM
Index or table	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	TALVEZ	TALVEZ	TALVEZ
Correction of certain faults	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Certain cautions of the author	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Certain places of the Scriptures	NÃO	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Chronologie (John Foxe)	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	TALVEZ	SIM	SIM	SIM
In Jo Fœxum Theologum Celeberrimum	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
The life of Mr Foxe to the reader	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Johannis Fœxi vita	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM
Quadro John Foxe	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM
Colofon	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	TALVEZ	TALVEZ	TALVEZ	TALVEZ
Folha de rosto	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Frontispício	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Rebeca Mylena Gouveia de Lima, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “O Livro dos Mártires e seus Prefácios” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 06 de junho de 2018.



Rebeca Mylena Gouveia de Lima